



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Processos Psicológicos Básicos  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Dissertação de Mestrado

COERÇÃO SEXUAL E TRÍADE SOMBRIA DA PERSONALIDADE: UM ESTUDO  
COM CASAIS BRASILEIROS

Sarah Torres Teixeira de Mello

Brasília, Maio de 2023



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Departamento de Processos Psicológicos Básicos  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

COERÇÃO SEXUAL E TRÍADE SOMBRIA DA PERSONALIDADE: UM ESTUDO  
COM CASAIS BRASILEIROS

Sarah Torres Teixeira de Mello

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento (Área de concentração: Cognição e Neurociências do Comportamento).

Orientador: Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior

Brasília, Maio de 2023

Comissão Examinadora:

---

Prof. Dr. Mauro Dias Silva Júnior (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento Universidade de Brasília -  
UnB

---

Prof. Dr. Marco Antonio Correa Varela (Membro externo)

Universidade de São Paulo

---

Prof. Dra. Keila Rebelo Evangelista (Membro suplente)

UNIP - SP

---

Prof. Dr. Francisco Dyonísio Mendes (Membro interno)

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento Universidade de Brasília -  
UnB

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho às vítimas diretas ou indiretas de violência entre parceiros íntimos. Espero que esse estudo contribua com um conhecimento capaz de promover mudanças em direção a um mundo mais justo e solidário.

*“Qualque amor já é um poquinho de saúde, um descanso na loucura”.*

*João Guimarães Rosa.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todas as mulheres que me mostraram que eu poderia buscar meu espaço num mundo masculino. Isso permitiu com que eu me sentisse capaz de estar num programa de mestrado e me empenhar para concluir esse trabalho. Em especial, minha mãe, Sônia, que eu admiro muito e que fez tantas renúncias para que eu pudesse chegar até aqui. Minha avó, Izá, que foi a mulher mais forte que conheci. Minha irmã, Maryam, que é minha melhor amiga. Minhas tias, as 4 Marias. Minhas primas, professoras, amigas, colegas de faculdade e de trabalho e as inúmeras pacientes que me confiaram suas histórias de dor e superação.

Agradeço imensamente ao meu orientador Mauro que transformou a perspectiva das coisas ao me apresentar a Psicologia Evolucionista com mais profundidade. Obrigada pela paciência, por ter acreditado em mim, me incentivado, me orientado e por ter feito o ambiente da pós-graduação mais humano, respeitoso e significativo. Esse trabalho também não seria possível sem a ajuda dos colegas do laboratório de Psicologia Evolucionista que fizeram parte da coleta de dados. Obrigada, Bruna, André Paes, Luan e Michella! Gratidão em especial ao meu colega de mestrado André Luis que compartilhou das fases de altos e baixos ao longo desse processo.

Alguém já me disse que os professores são grandes incentivadores e capazes de mudar trajetórias. Por isso, acredito que devo mencionar também o professor Gerson Américo Janczura que teve um papel importante na minha decisão de cursar Psicologia quando eu estava perdida. Já durante a graduação, o professor Áderson Luiz Costa Júnior e a professora Rachel Nunes do PET Psicologia foram praticamente meus mentores, abrindo caminhos e fornecendo ferramentas para meu crescimento acadêmico. Meu muito obrigada, vocês realmente fizeram a diferença para que eu chegasse até aqui! Vale mencionar também as professoras Adriana Melchhiades, Natalia Aggio e Silvia Lordello, que me serviram de inspiração e cujo trabalho tenho muita admiração, cada uma em sua área de atuação.

Não posso deixar de agradecer ao meu maior incentivador e parceiro de vida, Luis Felipe Santos Menezes, que me apoiou imensamente do início ao fim da pesquisa. Te amo para sempre! Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu pai, José Waldemar, pois minha vontade de entender o mundo e fazer pesquisa vem muito da dele

dele e do orgulho que sinto pelo seu ímpeto de fazer justiça social através do esforço acadêmico.

## Índice

Lista de tabelas .....	x
Resumo.....	11
Introdução Geral .....	14
Referências .....	16
Capítulo 1: Sexual Coercion: Dark Triad.....	18
Mating Tactics as Sexual Coercion .....	19
Dark Triad Personality Traits.....	21
Dark Triad Traits As Predictors of Sexual Coercion .....	23
Sex Differences in DTT and Sexual Coercion.....	25
Conclusion .....	26
Cross-References.....	26
References.....	27
Capítulo 2: An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion .....	33
An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion .....	34
An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion .....	35
Sexual coercion in nonhumans .....	36
The evolutionary function of sexually coercive behaviors .....	37
Sexual coercion as a by-product .....	40
Tactics to avoid sexual coercion .....	41
Women perpetrating sexual coercion .....	43
Sexual coercion in non-heterosexuals .....	44
Sexual coercion predictors.....	45
Shortcomings in the literature .....	47
Conclusion remarks .....	51
References.....	53
Capítulo 3: COERÇÃO SEXUAL E TRÍADE SOMBRIA DA PERSONALIDADE: UM ESTUDO COM CASAIS BRASILEIROS .....	66
Introdução .....	67
Método Estudo 1 .....	71
Procedimentos .....	72
Análise de dados .....	82
Resultados Estudo 2 .....	82
Referências .....	92



Apêndices .....	97
Apêndice A .....	98
Apêndice B.....	100
Apêndice C.....	103
Apêndice D .....	104
Apêndice E.....	105
Apêndice F.....	107
Apêndice G .....	110
Apêndice H .....	113
Apêndice I.....	115

## Lista de tabelas

### Capítulo 3

Tabela 1 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo masculino</i> .....	73
Tabela 2 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo masculino</i> .....	74
Tabela 3 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a satisfação no relacionamento do participante do sexo feminino</i> .....	75
Tabela 4 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a satisfação no relacionamento do participante do sexo masculino</i> .....	76
Tabela 5 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual</i> .....	81
Tabela 6 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo feminino</i> .....	82
Tabela 7 <i>Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo masculino</i> .....	83

## Resumo

A coerção sexual consiste num padrão de comportamento utilizado para obter contato sexual quando não há consentimento. Tal tática tem sido associada a diversos problemas interpessoais e desfechos negativos, como por exemplo, indicadores de insatisfação num relacionamento amoroso. Dentre as possíveis variáveis que influenciam os atos de coerção sexual, encontram-se níveis mais altos de traços aversivos de personalidade do perpetrador, conhecidos como tríade sombria: o maquiavelismo, a psicopatia subclínica e o narcisismo. A presente dissertação teve como principal objetivo investigar a relação entre a tríade sombria da personalidade, atos de coerção sexual e níveis de satisfação em relacionamentos amorosos de longo prazo. Ela foi dividida em três capítulos. O primeiro exibe a definição da Tríade sombria da personalidade associada à coerção sexual, a qual foi publicada na *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior*. O segundo capítulo apresenta uma análise evolucionista sobre a coerção sexual, submetida à revista *Evolutionary Psychological Science*. O terceiro capítulo apresenta dois estudos no contexto brasileiro, utilizando as escalas Dark Triad Dirty Dozen – DTDD, Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale – SCIRS, Escala do Amor, para avaliar os níveis de traços da tríade sombria da personalidade, frequência de comportamentos de coerção sexual e indicadores de satisfação no relacionamento, respectivamente. O primeiro estudo do artigo empírico envolve uma amostra de 55 casais, enquanto o segundo estudo contou com uma amostra de 847 indivíduos. Os resultados do Estudo 1 indicaram que os respondentes do sexo masculino praticaram, em média, mais coerção sexual do que as participantes do sexo feminino. Baixos níveis de satisfação no relacionamento estiveram associados à prática de coerção sexual em indivíduos do sexo masculino. Indivíduos do sexo feminino com maiores níveis de vitimização à coerção sexual relataram menos satisfação no relacionamento. No Estudo 2 os resultados indicaram como preditores de coerção sexual a baixa satisfação no relacionamento e o narcisismo. Foi observado que a submissão à coerção sexual esteve relacionada com menores indicadores de satisfação no relacionamento. O presente estudo confirmou parcialmente as hipóteses estabelecidas e trouxe como novidade a aplicação da SCIRS em indivíduos de ambos os sexos nas versões de perpetrador e vítima de coerção sexual. Uma limitação foi a pouca variabilidade da amostra em termos de prática de coerção sexual e componentes da tríade sombria da personalidade. Ademais, sugere-se para

futuros estudos a investigação de outras variáveis preditoras na compreensão da prática de coerção sexual, como indicadores de empatia e de suspeita de infidelidade.

**Palavras-chave:** coerção sexual, tríade sombria, satisfação no relacionamento amoroso, psicologia evolucionista.

### **Abstract**

Sexual coercion is a pattern of behavior used to obtain sexual contact when there is no consent. This tactic has been associated with various interpersonal problems and negative outcomes, such as indicators of dissatisfaction in a romantic relationship. Among the possible variables that influence acts of sexual coercion, there are higher levels of aversive personality traits of the perpetrator, known as the dark triad: Machiavellianism, subclinical psychopathy and narcissism. The present study aimed to investigate the relationship between the dark triad of personality, acts of sexual coercion and levels of satisfaction in long-term romantic relationships. It was divided into three chapters. The first displays the Dark Triad definition of personality associated with sexual coercion, which was published in the Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior. The second chapter presents an evolutionary analysis of sexual coercion, submitted to the journal *Evolutionary Psychological Science*. The third chapter presents two studies in the Brazilian context, using the Dark Triad Dirty Dozen – DTDD, Sexual Coercion in Intimate Relations Scale – SCIRS Escala do Amor scales, to assess the levels of dark triad personality traits, frequency of sexual coercion behaviors and romantic relationship satisfaction indicators, respectively. The results of Study 1 indicate that male respondents practice, on average, more sexual coercion than female participants. Lower levels of relationship satisfaction were associated with engaging in sexual coercion in males, and female individuals who reported more victimization to sexual coercion also reported less relationship satisfaction. In Study 2, results indicated low relationship satisfaction and narcissism as predictors of sexual coercion. It was observed that submission to sexual coercion was related to lower indicators of relationship satisfaction. Although it partially confirmed the established hypotheses, a limitation of the present study was the little variability in terms of the practice of sexual coercion and components of the dark triad of personality. Furthermore, it is suggested for future studies the inclusion of other possible predictive variables in understanding the practice of sexual coercion, such as indicators of empathy and suspected infidelity.

**Keywords:** sexual coercion, dark triad, romantic relationship satisfaction, evolutionary psychology.

### **Apresentação**

A presente dissertação foi organizada em formato de três capítulos. O Capítulo 1 (Sexual coercion: dark triad) é um verbete, que compõe a *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior*, no qual é discutida a relação entre coerção sexual e tríade sombria. O Capítulo 2 (An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion) consiste num artigo teórico submetido à revista *Evolutionary Psychological Science*, o qual discorre sobre uma análise da coerção sexual sob um prisma evolucionista, discussões de hipóteses, e pesquisas empíricas. O Capítulo 3 consiste num artigo empírico investigando amostra de dois estudos envolvendo casais e indivíduos brasileiros por meio de instrumentos de autorrelato que mensuraram os níveis de traços de tríade sombria da personalidade, comportamentos de coerção sexual sofrida e praticada e a satisfação no relacionamento. Em todos os capítulos foram utilizadas as normas da APA 7ª edição.

## Introdução Geral

A Teoria da Evolução (Darwin, 1859/2000) representou um grande marco histórico para as ciências, trazendo contribuições para a Etologia, Biologia e Fisiologia, por exemplo. A Psicologia, em tal conjuntura, herdou uma nova perspectiva para a compreensão do comportamento humano, a análise de mecanismos psicológicos que foram selecionados por resolverem problemas adaptativos enfrentados por nossos ancestrais (Tooby & Cosmides, 2015; Silva Júnior, 2023). Estudos sob o prisma da Psicologia Evolucionista (PE) dispõem-se a investigar a interação entre predisposições biológicas e condições ambientais, permitindo a expressão de determinados padrões de comportamentos, mediados por módulos mentais universais (Hattori & Yamamoto, 2012; Silva Júnior, 2023).

Nesse contexto, a coerção sexual consiste num padrão de comportamento humano multideterminado, cujas variáveis ainda permanecem sendo exploradas. Ela pode ser definida como o uso de táticas como pressão verbal, manipulação, ameaças, insistência, mentiras e o uso de substâncias psicoativas para obter contato sexual sem o consentimento ou consciência do ato pelo(a) parceiro(a) (Gladden et al., 2008; Malamuth et al., 2005; Camilleri et al., 2009; DeGue et al. 2010). Características individuais do perpetrador consistem num dos preditores encontrados na literatura para a prática de coerção sexual.

Em termos de diferenças sexuais, é visto que comportamentos sexualmente coercitivos são praticados desproporcionalmente por homens contra mulheres, sendo o sexo masculino mais associado à perpetuação e o sexo feminino à vitimização. Ademais, traços de personalidade também consistem em possíveis preditores de coerção sexual. A tríade de traços sombrios (Dark Triad – DT) são construtos aversivos da personalidade, que apresentam em comum características de manipulação e insensibilidade (Figueredo et al., 2015; Paulhus & Williams, 2002). Apesar de não serem considerados patológicos,

indivíduos com esses traços apresentam em diferentes graus comportamentos antissociais que favorecem os próprios interesses em detrimento dos interesses de terceiros; e por esse motivo, também são encontrados em amostras subclínicas (Paulhus & Williams, 2002).

O maquiavelismo envolve exploração, comportamento manipulador, cínico e percepção dos indivíduos como instrumentos (Figueredo et al., 2015; Prusik et al., 2021). Narcisistas tendem a apresentar desejo por poder, dominância, grandiosidade e egocentrismo (Jonason et al., 2009; Figueredo et al., 2015). Indivíduos com altos escores em psicopatia subclínica demonstram pré-disposição ao comportamento antissocial, insensibilidade, falta de controle e de moralidade, além de menores níveis de empatia, vergonha e culpa (Figueredo et al., 2015; Larson & Buss, 2006).

Também é observado na literatura que níveis mais baixos de satisfação no relacionamento estão associados à agressão entre parceiros íntimos (Hammett et al., 2021). Um relacionamento satisfatório tende a ser caracterizado por alta intimidade, paixão e comprometimento (Sternberg, 1998). Além disso, pode ser definido como aquele que, segundo a avaliação do casal, os benefícios obtidos são maiores que os custos, (Buss, 2007).

Dessa maneira, o presente trabalho buscou investigar como os níveis de satisfação no relacionamento amoroso se relacionam com indicadores de tríade sombria de personalidade e de frequência de comportamento de coerção sexual num relacionamento amoroso. A principal hipótese levantada foi que a prática de coerção sexual num relacionamento amoroso é parcialmente explicada pelos traços da tríade sombria do perpetrador e por menores indicadores de satisfação no relacionamento.

## Referências

Camilleri, J. A., Quinsey, V. L., & Tapscott, J. L. (2009). Assessing the propensity for sexual coaxing and coercion in relationships: Factor structure, reliability, and validity of the Tactics to Obtain Sex Scale. *Archives of Sexual Behavior, 38*(6), 959–973. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9377-2>

Darwin, C. (1859/2000). *Origem das espécies e a seleção natural*. Curitiba: Hemus. (Obra originalmente publicada em 1859).

DeGue, S., DiLillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse, 22*(4), 402-426. <https://doi.org/10.1177/1079063210372140>

Figueredo, A. J., Gladden, P. R., Sisco, M. M., Patch, E. A., & Jones, D. N. (2015). The unholy trinity: The dark triad, sexual coercion, and Brunswik-symmetry. *Evolutionary Psychology, 13*(2). <https://doi.org/10.1177/147470491501300208>

Gladden, P. R., Sisco, M., & Figueredo, A. J. (2008). Sexual coercion and life-history strategy. *Evolution and Human Behavior, 29*(5), 319-326. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2008.03.003>

Hattori, W. T., & Yamamoto, M. E. (2012). Evolução do comportamento humano: Psicologia Evolucionista. *Estudos de Biologia, Ambiente e Diversidade, 34*(83), 101-112.

Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The dark triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality, 23*(1), 5–18. <https://doi.org/10.1002/per.698>

Larsen, R., & Buss, D. M. (2018). Chapter six: Genetics and personality. In *Personality psychology: Domains of knowledge* (pp. 154–183). McGraw-Hill Education. New York.



Malamuth, N., & Huppin, M. (2005). Pornography and teenagers: The importance of individual differences. *Adolescent medicine clinics*, 16(2), 315. <https://doi.org/10.1016/j.admecli.2005.02.004>

Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

Prusik, M., Konopka, K., & Kocur, D. (2021). Too many shades of gray: The Dark Triad and its linkage to coercive and coaxing tactics to obtain sex and the quality of romantic relationships. *Personality and Individual Differences*, 170, 110413. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110413>

Silva Júnior, M. (2023). Evolved Psychological Mechanisms. Em T. K. Shackelford (Org.), *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior* (p. 1–16). Springer International Publishing. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5\\_217-1](https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5_217-1)

Tooby, J., & Cosmides, L. (2015). Conceptual foundations of evolutionary psychology In Buss (2015). *The Handbook of Evolutionary Psychology*, 5-67. <https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch1>

**Capítulo 1: Sexual Coercion: Dark Triad**

Sarah Torres Teixeira de Mello, Mauro Silva Júnior

Capítulo publicado na *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior*

## **Sexual Coercion: Dark Triad**

**Sarah Torres Teixeira de Mello and Mauro Silva Júnior**

**Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brazil**

### **Synonyms**

**Dark triad:** aversive personality traits, offensive character constructs; **Sexual coercion:** sexual manipulative behavior, coercive tactics to obtain sex

### **Definition**

The association between the dark personality traits of Machiavellianism, narcissism, and psychopathy and the use of nonphysical coercive tactics to obtain sex with an unwilling partner.

### **Mating Tactics as Sexual Coercion**

An evolutionary perspective on intimate relationships frames cost-inflicting tactics as solutions to adaptive problems. Accordingly, by using these tactics, a partner tries to secure reproductive benefits from the other partner(s) (Buss & Duntley, 2014). In this context, sexual coercion is defined as a nonphysical tactic to gain sexual contact with an unwilling partner (DeGue & DiLillo, 2004). In males, sexual coercion may also function as an anticuckoldry tactic promoting sperm competition, with its occurrence related to the suspicion of a female partner's sexual infidelity (Goetz & Shackelford, 2009; McKibbin et al., 2011; Barbaro et al., 2015).

Sexual coercion tactics may also minimize the risk of relationship termination (since direct and physical violence are not present), providing sexual intercourse through subtle tactics of persuasion and intimidation (Lopes et al., 2018). Previous research has identified some predictors of sexual coercion perpetration, such as high impulsivity, high sexual promiscuity, trait aggression, low empathy, socially aversive personality traits, being male, acceptance of rape myths such as that victims provoked their aggressors, and

perceived risk of female infidelity (Jonason et al., 2017; Lyons et al., 2020; McKibbin et al., 2011).

Sexual coaxing, coercion, and aggression are supposed to portray different constructs that may comprise the strategies people use to obtain sex from a partner who is initially not interested in intercourse (Camilleri et al., 2009; DeGue & DiLillo, 2004; Prusik et al., 2021). Camilleri et al. (2009) defined sexual coaxing as benign and seductive behaviors aimed at achieving sexual contact, whereas sexual coercion involves insistent and manipulative actions that may result in emotional trauma to the target.

Sexual coercion can also be distinguished from sexual aggression, although both are misconducts in sexual behavior. According to DeGue and DiLillo (2004), sexual coercion tactics include the use of lies, guilt-inducing actions, false promises, threats of relationship termination, ignoring verbal requests by the victims to stop (without using force), and the intentional use of drugs or alcohol to lower the victim's inhibitions or verbal resistance to sexual advances. Additionally, the coercive men studied in DeGue and DiLillo (2004) mostly used the sexual coercion of "making her think that I cared for her more than I really did" to obtain sexual intercourse with an unwilling female.

Sexual aggression, otherwise, encompasses the threat of using physical force, the actual use of physical force, or the use of alcohol and drugs to impair the victim's physical ability to resist unwanted sexual contact. Although sexual coercion is, by definition, less severe than sexual aggression, the first can also generate serious psychological damages to the victims. These may include increased anxiety, poorer social adjustment, heightened feelings of vulnerability, and a sense of self-blame or shame in the face of a perceived inability to resist coercive manipulation (DeGue & DiLillo, 2004; Camilleri et al., 2009). Mitchell and Raghavan (2021) discussed that the use of nonforceful tactics may also contribute to the aggressor's success in controlling their partner. Given that physical

restraint is a fundamental component in the widespread social understanding of sexual abuse, outsiders (and the aggressor and the victims themselves) may doubt the harmfulness of the sexual coercion or blame the victim for the events, especially in the long-term relationship context where sex is expected to happen.

Estimates from the World Health Organization (2018) show that nearly one in three women aged 15 years or older has experienced some form of violence at least once in their lifetime. The data also corroborates that sexual violence from intimate partners remains globally pervasive in women's lives. From an evolutionary perspective, women are hypothesized to predict and avoid higher risk of coercive or violent behavior from their partners due to the increased costs to their own fitness interests. Based on this premise, one study found that Colombian women who perceived high rates of domestic violence (male violence against women and their children) in their environment tend to consider more masculine faces less attractive when compared to women from neighborhoods with lower rates of domestic violence. Conversely, women who perceived high rates of urban violence (i.e., robbery, stealing, etc.), in their environment, considered more masculine faces more attractive than women from environments with less urban violence. These findings suggest that women's preference for masculine faces is sensitive to environmental cues of male aggressiveness. When these cues predict aggression toward women and children, women tend to prefer less masculine faces, but when cues do not predict violence toward them, more masculine faces are preferred (Borras-Guevara et al., 2017).

### **Dark Triad Personality Traits**

Coercive behavior in romantic relationships is more likely to be perpetrated by some individuals than others. A recent study found that young adults who had experienced unpredictability and harshness during their childhood were more likely to

use violence against their intimate partner (Szepsenwol et al., 2019). Unpredictability and harshness are environmental conditions that change one's life history trajectory toward a set of psychological outcomes that are adaptive in the context of their development. Individuals exposed to increased unpredictability and harshness in the environment develop faster life histories, which are a covariation of certain tendencies, such as impulsive and antisocial behavior, risky behavior, earlier reproduction, increased number of sexual partners, etc. (Del Giudice, 2014; Ellis et al., 2012; Nettle & Frankenhuys, 2020).

Supporting the idea that fast life histories are also characterized by insecure adult attachment and aversive personality traits (Chen, 2017; Szepsenwol et al., 2019), it has been found that those scoring higher in the anxious and avoidant attachment (Barbaro et al., 2019; He & Tsang, 2017) and those scoring higher in dark personality traits (Figueredo et al., 2015; Lyons et al., 2020; Prusik et al., 2021) are also more likely to sexually coerce their partners.

The dark personality traits of Machiavellianism, narcissism, and psychopathy are known as the offensive personality constructs that share a common core of disagreeableness, callousness, and manipulation (Figueredo et al., 2015; Paulhus & Williams, 2002), despite not being considered pathological. The dark traits of personality are measured by the Short Dark Triad Scale composed of 27 items, and by the Dark Triad Dirty Dozen (DTDD) composed of 12 items (Jonason & Webster, 2010).

Individuals with high scores on subclinical psychopathy show a predisposition to antisocial behavior, callousness, lack of self-control, lack of conventional morality, and low levels of empathy, shame, and guilt (Figueredo et al., 2015; Larson & Buss, 2018). Narcissists tend to show a desire for power, dominance, grandiosity, egocentrism, and a sense of personal entitlement (Jonason et al., 2009; Figueredo et al., 2015). Finally, Machiavellianism is related to the exploitation of others, undertaking planned,

manipulative behaviors, cynical, and immoral beliefs, as well as the perception of others as instruments (Figueredo et al., 2015; Prusik et al., 2021).

One recent study using the DTDD across three W.E.I.R.D. (i.e., Western, educated, industrialized, rich, and democratic) and five non-W.E.I.R.D. world regions confirmed the measurement invariance of the scale (Rogoza et al., 2021). Such findings support the conception of these traits as a model of three correlated factors, even though the traits themselves are not equivalent constructs. Furthermore, the invariance in measure across world regions supports the notion that the DTDD is a reliable cross-cultural instrument, able to detect individual differences in the domain of antisocial personality.

### **Dark Triad Traits As Predictors of Sexual Coercion**

It has been suggested that the Dark Triad traits show a positive correlation with the ability and willingness to manipulate others (Waddell et al., 2020). Furthermore, a longitudinal study conducted in Japan (Kanemasa et al., 2022) tested temporal patterns (i.e., unidirectional and bidirectional patterns) of association between the Dark Triad traits and intimate partner violence (IPV) perpetration. Narcissism showed unidirectional association with IPV (i.e., Narcissism promoted future psychological IPV perpetration, but not vice versa). Machiavellism and IPV showed bidirectional patterns. IPV showed unidirectional patterns with psychopathy (i.e., IPV perpetration reinforced the tendency for psychopathy, but not vice versa).

In the same direction, both men and women perceived profiles estimated high on DT as more threatening in terms of sexual coercion (Pavlović et al., 2019). Solomon and Lyons (2020) results indicate that women chose, more often than would have been expected by chance, high narcissistic and psychopathic faces as the most dangerous faces. Overall, the results suggest that women perceive the high Dark Triad faces as less

attractive than the low trait faces, which adds support to the growing literature on women's aversion toward men with high Dark Triad faces (Solomon & Lyons, 2020).

Sexually coercive men have shown higher scores of psychopathic personality traits than did nonoffending men, as measured by the Psychopathic Personality Inventory. Sexually coercive men also scored higher than nonoffending men on the Interpersonal Reactivity Index, a measure of empathic deficits (DeGue & DiLillo, 2004).

Moreover, Dark Triad characteristics were more related to a higher likelihood of using sexual coercive tactics than in using sexual coaxing tactics in the sample of an online study carried out in Poland (Prusik et al., 2021). It also has been shown that narcissism was slightly more related to subtle tactics (coax) than more abusive ones (coerce), Machiavellianism to both coaxing and coercion, and psychopathy was more related to coercion than coaxing (Prusik et al., 2021).

In the contemporary world, different types of sexting (the practice of sending messages via mobile phone with sexual content) may also be related to the Dark Triad traits. A study by Morelli et al. (2021) covered four continents (Europe, Asia, Africa, and America) investigating experimental sexting (i.e., consensual exchange of own sexts), aggravated sexting (i.e., for perpetration: nonconsensual sexting; for victimization: sexting under pressure), and risky sexting (i.e., sexting during substance and alcohol use and sharing sexts with strangers). In this study, the narcissism and Machiavellianism traits emerged to be positive predictors of sharing own sexts. Meanwhile, Machiavellianism and psychopathy were related to both risky sexting and aggravated sexting. It has also been demonstrated that psychopathy may be a predictor of non-consensual sexting by privately sending and publicly posting sexts of someone else without consent (Morelli et al., 2021).



### **Sex Differences in DTT and Sexual Coercion**

From the perspective of the parental investment theory (Trivers, 1972; Janicke et al., 2016; Mogilski, 2021), men may benefit more from strategies that increase the number of sexual partners while women may gain more evolutionary benefits from manipulating and controlling partners within a long-term relationship context (Moore et al., 2020). Jonason et al. (2017) argued that the DT is a coordinated system of adaptations not only suitable for social exploitation, but also sexual exploitation, predicting rape-enabling attitudes, such as rape myth acceptance, lack of empathy for the victim, and empathy for the aggressor. If this is correct, males, more than females, are expected not only to show higher scores of the Dark Triad but also to endorse more sexual exploitation and rape-enabling attitudes. Supporting this hypothesis, being male may be a predictor of both sexual coercion perpetration (Lyons et al. 2020) and Dark Triad traits (Jonason et al., 2009).

Regarding sex differences, Lyons et al. (2020) confirmed previous findings that the Dark Triad traits were more closely associated with the coercion perpetrated by men. In addition, males from eight (WEIRD and non-WEIRD) world regions scored higher than females on all DT traits, except for psychopathy in Asia, in which the difference was not significant (Rogoza et al. 2021). The results of Hoffmann and Verona (2019) support that men with high scores in impulsive-antisocial traits may engage in sexual coercion in an attempt to feel powerful. In contrast, the female sexually coercive behavior was more associated with emotional value motivations for sex than with psychopathological traits.

Bogaert et al. (2015) corroborate that being the object of sexual desire is more central to women's sexual arousal than it is for men. Lyons et al. (2020) argued that, in established relationships, narcissistic individuals may try to manipulate their partner and use coercive methods to fulfill the need for self-affirmation and attain what they want. In

their study, high scores in narcissism represented a predictor of sexually coercive strategies in women.

In the same direction, Blinkhorn et al. (2015) have shown that gender differences in narcissism can differ significantly when investigating the impact narcissism has on a specific type of behavior such as sexual coercion. Sexual coercion in males relates to more socially desirable aspects of narcissism, whereas in females these strategies are associated with socially toxic components of the construct.

## **Conclusion**

The Dark Triad traits, which may be defined as subclinical aversive personality characteristics, seem to be a solid predictor of the perpetration of sexual coercion. Narcissism, among the other triad traits, appears to be a stronger predictor of sexual coercion in females (Blinkhorn et al., 2015; Lyons et al., 2020), while in men subclinical psychopathy is the triad trait that has shown more robust evidence (Figueredo et al., 2015; Jonason et al., 2017; Hoffmann & Verona, 2019).

It is also worth noting that, with a few exceptions (Morelli et al., 2021; Rogoza et al., 2020; Lopes et al. 2018), most of the mentioned studies rely on WEIRD cultures and heterosexual individuals (e.g., Prusik et al., 2021; Lopes et al. 2018; McKibbin et al., 2011; DeGue & DiLillo, 2004).

Future work might expand the investigation of Dark Triad traits and sexual coercion to non-WEIRD cultures and more diverse sexual orientations. The inclusion of more diverse samples and cultures will strengthen the comprehension of functions and forms of sexual coercion in intimate relationships.

## **Cross-References**

- ▶ Life History Strategy: Dark Triad
- ▶ Personality and Individual Differences: Dark Triad

- ▶ Personality and Individual Differences: Sexual Coercion
- ▶ Sexual Coercion and Dating

## References

Barbaro, N., Pham, M. N., & Shackelford, T. K. (2015). Sperm competition risk and sexual coercion predict copulatory duration in humans. *Evolutionary Psychology*, *13*(4). <https://doi.org/10.1177/1474704915618411>

Barbaro, N., Boutwell, B. B., & Shackelford, T. K. (2019). Associations between attachment anxiety and intimate partner violence perpetration and victimization: Consideration of genetic covariation. *Personality and Individual Differences*, *147*, 332–343. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.008>

Blinkhorn, V., Lyons, M., & Almond, L. (2015). The ultimate femme fatale? Narcissism predicts serious and aggressive sexually coercive behaviour in females. *Personality and Individual Differences*, *87*, 219–223. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.001>

Bogaert, A. F., Visser, B. A. & Pozzebon, J. A. (2015) Gender Differences in Object of Desire Self-Consciousness Sexual Fantasies. *Arch Sex Behav* *44*, 2299–2310. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0456-2>

Borras-Guevara, M. L., Batres, C., & Perrett, D. I. (2017). Domestic violence shapes Colombian women's partner choices. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, *71*(12), 1–14. <https://doi.org/10.1007/s00265-017-2405-2>

Buss, D. M., & Duntley, J. D. (2014). Intimate partner violence in evolutionary perspective. In T. K. Shackelford & R. D. Hansen (Eds.), *The evolution of violence* (pp. 1–21). Springer. [https://doi.org/10.1007/978-1-4614-9314-3\\_1](https://doi.org/10.1007/978-1-4614-9314-3_1)

Camilleri, J. A., Quinsey, V. L., & Tapscott, J. L. (2009). Assessing the propensity for sexual coaxing and coercion in relationships: Factor structure, reliability, and

validity of the Tactics to Obtain Sex Scale. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 959–973. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9377-2>

DeGue, S., & DiLillo, D. (2004). Understanding perpetrators of nonphysical sexual coercion: Characteristics of those who cross the line. *Violence and Victims*, 19(6), 673–688. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.6.673.66345>

Del Giudice, M. (2014). An evolutionary life history framework for psychopathology. *Psychological Inquiry*, 25(3–4), 261–300. <https://doi.org/10.1080/1047840X.2014.884918>

Ellis, B. J., Del Giudice, M., Dishion, T. J., Figueredo, A. J., Gray, P., Griskevicius, V., . . . & Wilson, D. S. (2012). The evolutionary basis of risky adolescent behavior: implications for science, policy, and practice. *Developmental psychology*, 48(3), 598. <https://doi.org/10.1177/1077801220921939>

Figueredo, A. J., Gladden, P. R., Sisco, M. M., Patch, E. A., & Jones, D. N. (2015). The unholy trinity: The dark triad, sexual coercion, and Brunswik-symmetry. *Evolutionary Psychology*, 13(2). <https://doi.org/10.1177/147470491501300208>

Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2009). Sexual coercion in intimate relationships: A comparative analysis of the effects of women's infidelity and men's dominance and control. *Archives of Sexual Behavior*, 38(2), 226–234. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9353-x>

He, S., & Tsang, S. (2017). Perceived female infidelity and male sexual coercion concerning first sex in Chinese college students' dating relationships: The mediating role of male partners' attachment insecurity. *Personality and Individual Differences*, 111, 146–152. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.016>

Hoffmann, A. M., & Verona, E. (2019). Psychopathic traits, gender, and motivations for sex: Putative paths to sexual coercion. *Aggressive Behavior*, 45(5), 527–536. <https://doi.org/10.1002/ab.21841>

Janicke, T., Häderer, I. K., Lajeunesse, M. J., & Anthes, N. (2016). Darwinian sex roles confirmed across the animal kingdom. *Science advances*, 2(2), e1500983.

Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: a concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment*, 22(2), 420. <https://doi.org/10.1037/a0019265>

Jonason, P. K., Li, N. P., Webster, G. D., & Schmitt, D. P. (2009). The dark triad: Facilitating a short-term mating strategy in men. *European Journal of Personality*, 23(1), 5–18. <https://doi.org/10.1002/per.698>

Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The exploitive mating strategy of the Dark Triad traits: Tests of rape-enabling attitudes. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 697–706. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-0937-1>

Kanemasa, Y., Miyagawa, Y., & Arai, T. (2022). Do the Dark Triad and psychological intimate partner violence mutually reinforce each other? An examination from a four-wave longitudinal study. *Personality and Individual Differences*, 196. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111714>

Larson, R., & Buss, D. M. (2018). Chapter six: Genetics and personality. In *Personality psychology: Domains of knowledge* (pp. 154–183). McGraw-Hill Education. New York

Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2018). Sexual coercion, mate retention, and relationship satisfaction in Brazilian and American romantic relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(13–14). <https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2020). The dark triad and sexual assertiveness predict sexual coercion differently in men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7–8). <https://doi.org/10.1177/0886260520922346>

Mogilski, J. K. (2021). Parental investment theory. In T. K. Shackelford (Ed.), *The SAGE handbook of evolutionary psychology: Foundations of evolutionary psychology* (pp. 137–154). SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781529739442>

McKibbin, W. F., Starratt, V. G., Shackelford, T. K., & Goetz, A. T. (2011). Perceived risk of female infidelity moderates the relationship between objective risk of female infidelity and sexual coercion in humans (*Homo sapiens*). *Journal of Comparative Psychology*, 125(3), 370. <https://doi.org/10.1037/a0023146>

Mitchell, J. E., & Raghavan, C. (2021). The impact of coercive control on use of specific sexual coercion tactics. *Violence against women*, 27(2), 187–206. <https://doi.org/10.1177/1077801219884127>

Moore, K. E., Ross, S. R., & Brosius, E. C. (2020). The role of gender in the relations among Dark Triad and psychopathy, sociosexuality, and moral judgments. *Personality and Individual Differences*, 152, Article 109577. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109577>

Morelli, M., Urbini, F., Bianchi, D., Baiocco, R., Cattelino, E., Laghi, F., et al. (2021). The relationship between dark triad personality traits and sexting behaviors among adolescents and young adults across 11 countries. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(5), 2526. <https://doi.org/10.3390/ijerph18052526>

Nettle, D., & Frankenhuis, W. E. (2020). Life-history theory in psychology and evolutionary biology: one research programme or two?. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 375(1803), 20190490. <https://doi.org/10.1098/rstb.2019.0490>

Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

Pavlović, T., Markotić, A., & Bartolin, A. (2019). Dark triad and estimated probability of sexual coercion. *Personality and Individual Differences*, 151. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109527>

Prusik, M., Konopka, K., & Kocur, D. (2021). Too many shades of gray: The Dark Triad and its linkage to coercive and coaxing tactics to obtain sex and the quality of romantic relationships. *Personality and Individual Differences*, 170, 110413. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110413>

Rogoza, R., Żemojtel-Piotrowska, M., Jonason, P. K., Piotrowski, J., Campbell, K. W., Gebauer, J. E., et al. (2021). Structure of dark triad dirty dozen across eight world regions. *Assessment*, 28(4), 1125–1135. <https://doi.org/10.1177/1073191120922611>

Solomon, E., & Lyons, M. (2020). Not my protector— Women have an aversion to high Dark Triad faces irrespective of childhood or current environmental danger. *Evolutionary Psychological Science*, 6(3), 241–245. <https://doi.org/10.1007/s40806-020-00230-4>

Szepeswól, O., Zamir, O., & Simpson, J. A. (2019). The effect of early-life harshness and unpredictability on intimate partner violence in adulthood: A life history perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(5), 1542–1556. <https://doi.org/10.1177/026540751880668>

Trivers, R. L. (1972). Parental Investment and Sexual Selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971* (pp. 136-179).

Waddell, C., Van Doorn, G., March, E., & Grieve, R. (2020). Dominance or deceit: The role of the Dark Triad and hegemonic masculinity in emotional manipulation. *Personality and Individual Differences*, 166. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110160>

World Health Organization. (2018). WHO: Addressing violence against women: Key achievements and priorities (No. WHO/RHR/18.18). World Health Organization.



## **Capítulo 2: An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion**

Sarah Torres Teixeira de Mello, Mauro Dias Silva Júnior

Manuscrito submetido ao periódico *Evolutionary Psychological Science*

## **An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion**

### **Abstract**

Evolutionary perspectives assume that behavior can be explained by the combination of both proximate and ultimate causes. In this context, research in Evolutionary Psychology seeks to investigate psychological mechanisms that have evolved by solving adaptive problems in ancestral contexts and might be still functional in the modern world, such as those that track challenges and opportunities for reproduction. This review aims to analyze sexual coercion perpetration and victimization occurrence and discuss the evolutionary literature on this topic. As such, this review begins with the definition of sexual coercion that differs from related concepts, such as sexual coaxing and sexual aggression concepts. Next, we contrast adaptive against by-product hypotheses to demonstrate the advances and limitations of understanding sexual coercion occurrence in terms of adaptive function. Then, we explore empirical research aimed to identify mechanisms involved in sexual coercion perpetration by men and in sexual coercion avoidance by women. Theoretical gaps in sexual coercion investigation are highlighted regarding the absence of empirical research with females as perpetrators and sexual coercion among the LGBTQIA+ population. Evidence of sexual coercion perpetrated by women and same-sex sexual violence is debated. Finally, predictors of sexual coercion occurrence, such as characteristics of the aggressor and situational factors, are mapped to support prevention and interventions against sexual coercion.

### **Keywords**

sexual coercion, evolutionary psychology, sexual violence, reproductive tactics

### **Statements and Declarations**

### **Funding**

The authors declare that no funds, grants, or other support were received during the preparation of this manuscript.

### **Competing Interests**

The authors have no relevant financial or nonfinancial interests to disclose.

### **Authors Contributions**

All authors contributed to the study's conception and design. Material preparation, data collection, and analysis were performed by Sarah Torres Teixeira de Mello and Mauro Dias Silva Júnior. The first draft of the manuscript was written by Sarah Torres Teixeira de Mello and all authors commented on previous versions of the manuscript. All authors read and approved the final manuscript.

### **An Evolutionary Analysis of Sexual Coercion**

Sexual coercion may be defined as the use of verbal pressure, manipulation, intimidation, threats (e.g., to end the relationship), lying, or the use of psychoactive substances to receive or perform sexual acts involving another individual without his or her consent, knowledge, or explicit awareness of the act (Gladden et al., 2008; Camilleri et al., 2009; DeGue et al. 2010). As sexual coercion involves insistent and manipulative actions that potentially result in emotional trauma to the target, it may be differentiated from sexual coaxing, i.e., benign and seductive behaviors aimed at achieving sexual activity (Camilleri et al., 2009).

Thus, sexual coercion is marked by the use of non-forceful tactics. Conversely, the concept of sexual aggression consists in the use of physical force to obtain sex with an unwilling person. In other words, contrary to sexual coaxing tactics, sexual coercion and aggression are both types of misconduct in sexual behavior with the potential to cause damage to the victims (DeGue & DiLillo, 2005). Although sexual coercion is considered a less severe form of sexual perpetration than sexual aggression, the former is evinced to

be more frequent (DeGue et al. 2010) and effective (Mitchell & Raghavan, 2021). Given that physical restraint is a fundamental component in the widespread social understanding of sexual abuse, outsiders, the aggressor, and the victims themselves may doubt the harmfulness of these acts, blame the victims, and/or not act to prevent its occurrence (Mitchell & Raghavan, 2021).

In the sexual violence literature, the use of tactics to obtain unwanted sex is usually related to male offenders, through the use of physical force (sexual aggression) against female victims. The use of nonphysical tactics, such as sexual coercion, has received much less attention from researchers as have the forms of sexual coercion perpetrated by women or people in non-heterosexual relationships (McConaghy et al., 1995; Pugh & Becker, 2018; Hughes et al., 2019). The present review aims to clarify the conditions related to sexual coercion through an evolutionary analysis considering both distal and proximal factors, but also acknowledging its occurrence with more vulnerable and invisibilized populations.

### **Sexual coercion in nonhumans**

Across all nonhuman species, forced copulation appears to be always perpetrated by males on female victims (Malamuth et al. 2015). It may occur as a reproductive strategy to compensate for disadvantages (e.g., small size or failed mating success), as well as a form to guarantee additional copulations in males who do not fail to engage in consensual copulation (Schepke & Skackelford, 2021). Some species even show a morphology specifically designed to facilitate coercive mating (e.g., water striders of *Gerris odontogaster* species), in which males have a grasping apparatus that is used exclusively, along with the forelegs, to secure females during mating. On the other hand, females of the species *Gerris incognitos* have evolved spines to resist male grasping, showing that there are also specialized mechanisms to avoid forced copulation in nature

(Lalumière et al., 2005). Another species that exemplifies forced copulation is the orangutan (*Pongo pygmaeus*). Small orangutan males frequently attempt copulation with unwilling females and frequently succeed, especially when no big males are around (Lalumière et al., 2005).

Forced copulation may also appear in contexts where extra-pair copulation is suspected. The sperm competition phenomenon occurs when males compete for fertilization through copulation with a female within a sufficiently short time. In some avian species that form long-term pair bonds, it is observed that forced copulation immediately follows extra-pair copulations. Thereby, the perceived risk of cuckoldry by males may be a predictor of forced copulation within pairs (Goetz & Shackelford, 2006).

### **The evolutionary function of sexually coercive behaviors**

Throughout human history, sexually coercive behaviors are expressed cross-culturally (Malamuth, 1998). Thereby, in investigating the distal causes of patterns of sexual coercion, the main point becomes to search into whether or not it has contributed to reproductive success, at least to some males, in our species' ancestral history (Malamuth et al., 2015; Huppín et al., 2019). It is important to emphasize that seeking a broader understanding of a phenomenon (which includes its evolutionary function) is not the same as attesting that this phenomenon is inevitable or acceptable (i.e., naturalistic fallacy) (Varella et al., 2013; Winegard et al., 2014). Distinguishing evolutionary function and naturalistic fallacy is of paramount importance to evolutionary behavioral sciences since many biological theories were built, or inappropriately used, to justify social inequalities in respect of gender, sex, and race (Hagen, 2015). The systematic investigation of evolutionary function must account not only for theoretical sense, but for many variables, including conditions in which the particular phenomenon occurs, costs and benefits of behavior, alternative and conditional strategies, evidence from

physiological and phylogenetical data, individual and social learning, and in the case of humans, cross-cultural universality/variability (Hagen & Barrett, 2007; Lieberman & Lobel, 2012; Schmitt, 2008; Schmitt et al., 2004; Schmitt & Pilcher, 2004; Sell et al., 2017; Sugiyama et al., 2002; Syme et al., 2016; Sznycer et al., 2018; Brase, 2021; Tinbergen, 1963; Tooby & Cosmides, 2015).

In humans, rape is usually committed by young men, directed at women of reproductive age, and is more common when there are fewer costs for the offenders (Lalumière et al. 2005). Such findings display an evolutionary background where differences in minimal parental investment for males and females are related to their distinguished approaches to reproductive behavior (Trivers, 1972; Crosby, et al. 2021; Fuentes et al., 2021). The costs of injudicious sexual decisions tend to be greater for women, especially when it results in an unwanted pregnancy from a male unwilling to invest in her offspring or who do not carries indicators of good genes (Crosby et al., 2021).

In the current sexual violence literature, adaptationist hypotheses on sexual coercion mostly encompass physical tactics, such as sexual aggression. Despite this caveat, sexual arousal, defined as a goal-oriented emotional state that leads to sexual consummation and minimizes the perceived costs associated with sex (Grauvogl et al., 2015), seems to represent a specialized mechanism to induce sexual behavior. Now, a candidate of specialized mechanism that may increase the likelihood of engaging in sexually coercive behavior is labeled as Sexual Arousal to Force (Malamuth et al. 2005). Such a model claims that environmental conditions (e.g., repeated rejection from desired females) and the resultant emotional responses (e.g., anger, hostility) may facilitate the development of sexually aggressive tendencies. In the study of Lamarche and Seery (2019), participants were randomly assigned to write about a situation in which someone had hurt or disappointed them (rejection condition) or about a time when a close other

had been responsive to their needs (acceptance condition), after completing background questions and self-esteem and narcissism measures. In the same direction as SAF theory, the results indicated that, after reminding social rejection experiences, highly narcissistic single men with low self-esteem were more likely to endorse sexual coercion.

Goetz and Shackelford (2006) brought to light another aspect of sexually coercive behaviors, by investigating intimate partner relationships, in which men already have sexual access to their partner. According to sperm competition theories, forced in-pair copulation may represent a solution for the adaptive problem of cuckoldry, given that its possible occurrence poses a substantial reproductive cost for males of paternally investing species (Goetz & Shackelford, 2006). Therefore, forced in-pair copulation is a tactic used by a male who forces his female romantic partner to copulate. It occurs more frequently when he suspects extra-pair copulation possibly as evolved tactics to increase his paternity certainty, punishing his partner, or preventing future infidelities (Schepke & Shackelford, 2021).

Paternity uncertainty may be linked to men's motivations to ensure their children are their own by employing strategies aimed at preventing insemination or counterinsemination (Gallup & Burch, 2006). In support of this, men in a court-mandated abuse treatment program reported sexual jealousy as the major reason for the origin and escalation of conflict with their partners. Men's sexual jealousy was associated with increased mate-guarding tactics and sexual violence, such as pressuring the partner to have sex in a way she did not want; and forcing the partner to have sex. If those men believed their initial tactics were not successful, they shifted from sexual coercion to physical violence. Ultimately, fear of cuckoldry led to physical punishment and neglect of children (Burch & Gallup Jr., 2020).

### **Sexual coercion as a by-product**

A central task in evolutionary perspectives consists in differentiating adaptations from by-products (Al-Shawaf et al., 2018). Adaptations are biological traits that organisms possess that increased their fitness in the evolutionary past, thus they are the products of ancestral natural selection processes. As such, they represent species-typical characteristics that are found in all individuals of a species (Alcock & Rubenstein, 2019; Lewis et al., 2021; Stearns & Hoekstra, 2005; Williams, 1966). Adaptations can be anatomical (e.g., opposable thumb), physiological (e.g., cortisol response to stress), and also psychological, such as evolved psychological mechanisms (Lewis et al., 2021; Silva Júnior, 2023; Tooby & Cosmides, 2015), emotions (e.g. jealousy), personality, and behavioral strategies – e.g., sexual strategies (Buss, 2018; Buss & Schmitt, 2019; Lukaszewski, 2013; Silva Júnior et al., 2022).

While adaptations are the direct products of natural selection, by-products are side effects of adaptations and, therefore, they must be understood in relation to adaptations. Because by-products, different from adaptations, did not evolve to solve an adaptive problem, i.e., they were not the object of natural selection and do not have a proper biological function (Al-Shawaf et al., 2018). By their nature, adaptations have a functional design, verified by meeting the following criteria: developing reliably in all members of the species, accuracy in solving an adaptive problem, efficiency, economy, and complexity (Andrews et al., 2002). In contrast, by-products show no evidence of fulfilling such criteria (Al-Shawaf et al., 2018).

On this topic, Palmer (1991) postulates that some complications in differentiating adaptations from by-products come from the fact that the ancient environmental conditions (i.e., adaptive problems that our ancestors faced) may not be currently available for empirical research, given that they occurred in the deep past. This



differentiating task also requires the assurance that the alleged adaptation is really a distinct and independent entity (Palmer, 1991). Concerning sexual coercion, the answer of its putative adaptive function comes from whether the mechanisms involved in sexual coercion have been selected for sexual coercion itself, or as a side effect of male sexuality that has been selected to reproduce purely through "consensual" copulations, i.e., coercion would be a by-product of a misguided/desperate coaxing.

In other words, it is possible that raping behavior may be a consequence of the interaction of mechanisms (e.g., greater willingness to engage in impersonal sex and less discriminating criteria for sexual partner selection) that were selected because they kept males from missing sexual opportunities (Palmer, 1991). However, all of these mechanisms could have been selected solely because they helped reproduction by consensual copulations, which means forced copulations turn out to be by-products.

### **Tactics to avoid sexual coercion**

Considering differences in minimal obligatory parental investment, ancestral women faced increased reproductive costs than men did when submitted to unwilling sex, such as losing the ability to exercise mate choice, lack of investment of the father, and possible abandonment or punishment by her current mate (Malamuth et al., 2019; Petralia & Gallup, 2002). Therefore, it is more likely that men have evolved specialized mechanisms for engaging in sexually coercive behavior, while women may have evolved specialized mechanisms to avoid being submitted to such behaviors (Malamuth et al., 2019).

Initial evidence in favor of this hypothesis came from Bröder and Hohmann (2003), who showed that women may engage in behaviors that reduce the likelihood of rape during the ovulatory phase of their menstrual cycles. In this period, naturally cycling women reduced risky behaviors, like coming home alone late, and increased non-risky

behaviors, such as watching TV at home, whereas women using contraceptives did not show either effect. Moreover, when the risk of conception is higher, women in the ovulatory phase may be better able to resist sexual assault. Women who were in the ovulatory phase and read a sexual assault scenario were the only ones that showed an increase in handgrip strength (Petralia & Gallup, 2002). In addition, women's preference for mating with physically and socially dominant men may indicate an adaptation to avoid sexual aggression (Huppin et al., 2019). Consistently with that idea, Borrás-Guevara et al. (2017) found that women, who perceived higher rates of urban violence (i.e., robbery, stealing, etc) in their environment, considered more masculine faces more attractive than women from environments with less urban violence. Conversely, the same study demonstrated that when cues predicted higher rates of domestic violence, women tend to prefer partners with faces less masculine.

Neuberg et al. (2011) suggest that humans have evolved threat management systems that function to reduce risks to reproductive success through emotional, cognitive, and behavioral output. In this sense, McDonald et al. (2021) suggested that women are likely to be equipped with a threat management system for rape avoidance since rape was a recurrent threat to women's reproductive fitness in the ancestral environment of evolutionary adaptedness (EEA). During the fertile period of the menstrual cycle, women may be less likely to agree to date requests from outgroup members, but not in-group members (McDonald et al., 2015). In the mentioned study, participants were assigned to either a red, yellow, or blue group. During the experiment, images were digitally manipulated to include a colored border as an indicator of a group membership. Results indicated that the female participants, self-appraised as vulnerable to sexual coercion, were less willing to accept date requests from outgroup members.

Another piece of evidence in support of the existence of a threat management system for rape avoidance is the association between fear of rape, frequency of true crime media consumption, and the aim of defensive vigilance. Women who reported a higher degree of fear of rape were more likely to report greater consumption of true crime media, and to report that they consumed it to learn strategies for avoiding or escaping an assault (McDonald et al., 2021).

### **Women perpetrating sexual coercion**

Although little research has examined sexual coercion perpetrated by women, a growing body of literature supports that both sexes may commit sexually coercive behaviors (Fiebert and Tucci, 1998; Russel & Oswald, 2001; Schatzel-Murphy et al. 2009). The results of Fiebert and Tucci (1998) indicate that a substantial number of men have experienced some form of sexual coercion by women. However, risk factors for sexually coercive behavior may differ between men and women, with key predictors of sexual coercion among women being sexual compulsivity, whereas among men, sexual dominance and sociosexuality emerge as risk factors (Schatzel-Murphy et al., 2009). Most of the coercive activities reported by men boil down to being coerced into dating, kissing, and being sexually touched against their will. Yet, a small percentage (1- 3%) of men reported severe coercion, involving female threats and physical force (Fiebert & Tucci, 1998). In the same direction, Russell and Oswald (2001) indicate that women performing sexual misbehaviors were found to use verbal coercive strategies more frequently than physical strategies, which were not manifested at the level of physically forcing sex.

Furthermore, personality traits are also found to be variables that predict sexual coercion differently between men and women (Lyons et al., 2022). According to the narcissistic reactance theory of rape and sexual coercion (Baumeister et al., 2002), when

the sexual desires of a narcissistic individual are rejected, they may exhibit reactance, increasing their sexual desire, motivation to attempt to take what has been rejected, and aggression against the individual who denied them.

In this sense, Blinkhorn et al. (2015) results provided evidence that narcissism was an important predictor of sexual coercion perpetrated by women. Despite male participants scoring significantly higher on total narcissism, the maladaptive facet of narcissism was a stronger predictor of sexually coercive tactics in females. In the same direction, Lyons et al. (2022) reported that women who were high in narcissism used more sexually coercive strategies.

In Hughes et al. (2020), the effort to engage with pornography was a significant individual predictor of nonverbal sexual arousal and emotional manipulation, and deception. In the same study, histrionic personality traits (which include a propensity for excessive emotional impulsivity, attention-seeking behavior) were a significant predictor of proclivity for exploitation of the intoxicated partner.

### **Sexual coercion in non-heterosexuals**

In a heteronormative society, issues concerning non-heterosexual people are mostly neglected and such invisibility extends to the academic realm (Waldner-Haugrud, 1999). Even though non-heterosexual populations are suitable to test evolutionary theories (Vasey et al., 2014; Vasey & VanderLaan, 2010), in the evolutionary psychology literature, studies investigating non-heterosexuals have been much less common than those investigating heterosexuals (Silva Júnior et al., 2022). Additionally, the review of Yucel et al. (2019) shows that the LGBTQIA+ population is at higher risk of sexual violence victimization than heterosexual individuals.

Even though women are at greater risk of being sexually coerced than men (De Visser et al., 2003), it is crucial to provide a theory to explain how women can be sexual

perpetrators in hetero and non-heterosexual mating. According to Girshick (2002), the exam of female perpetrators and female survivors requires the social recognition and legitimization of romantic relationships between lesbian or bisexual women. For the author, homophobia and biphobia are barriers to understanding woman-to-woman sexual violence, since denying the existence of these relationships makes it difficult to regard them as objects of study.

### **Sexual coercion predictors**

Although women also practice sexual coercion, men are found to be more frequently the perpetrators (DeGue, 2005; Hoffman, 2019; Prusik, 2020; Lyons, 2022). Beyond gender, some predictors may help identify and prevent the conditions in which deviant sexual behavior occurs most frequently. In this sense, the Dark Triad (DT) is the set of three socially undesirable and aversive personality traits, Machiavellianism, psychopathy, and narcissism (Paulhus & Williams, 2002). Studies have pointed out the association between DT traits and intimate partner violence perpetration, including sexual coercion (Carton, 2017; Pavlovic, 2019; Prusik, 2020).

Profiles estimated high on DT by both men and women may be perceived as more threatening in terms of sexual coercion (Pavilovic et al., 2019). Also, sexually coercive men have shown higher scores of psychopathic personality traits than did nonoffending men (DeGue & DiLillo, 2005). In Prusik et al. (2021), narcissism was found to be slightly more related to coaxing tactics than coercive ones, Machiavellianism to both coaxing and sexual coercion, and psychopathy was more related to sexual coercion than coaxing.

As mentioned above, sexual coercion and aggression share some underlying risk factors. In this direction, DeGue et al. (2010) show that sexual promiscuity, aggressive tendencies, empathic deficits, and belief in rape myths (e.g., “When a man urges his female partner to have sex, this cannot be called rape”), gather a set of risk characteristics

that predispose individuals to both sexual coercion and aggression. Additionally, Bohner (2005) found the belief in rape myths (i.e., that deny, trivialize, or justify male sexual violence against women) to be also linked to a proclivity toward sexual deviant behaviors. To delineate the differences between sexual aggression and coercion, DeGue et al. (2010) bring evidence that sexual coercers tend to possess traits that facilitate the use of verbal tactics, such as the ability to manipulate others and to imagine others' emotional reactions. On the other hand, sexual aggressors may show high indicators of hostility toward women, egocentricity, impulsive disregard for sociolegal proscriptions, and childhood emotional abuse (DeGue et al., 2010).

Characteristics of the aggressor can also be analyzed from the perspective of the Life History (LH) theory (Gladden et al, 2008). Unpredictable environmental conditions may be associated with faster reproductive strategies, in the opposite way of slow LH strategies (Wang et al., 2021). Therefore, traits such as risk-taking mating strategies, low parental investment, impulsiveness, and criminality characterize fast LH strategies, which seem to be facilitative of the use of sexually coercive tactics (Gladden et al., 2008). Also, the impulsive antisocial facet of psychopathy, the entitlement/exploitativeness facet of Narcissism, Machiavellianism, unrestricted sociosexuality, and aggression are DT traits that may be found in measures of fast LH strategies (McDonald et al., 2012). While men may benefit more from fast LH strategies that increase the number of sexual partners, Lyons et al. (2022) discuss that women may possess slow LH traits since most of their evolutionary benefits do not come from coercive or promiscuous mating, but from manipulating and controlling partners within a long-term relationship context.

In Abbey et al. (2011), sexual assault perpetration was correlated with negative attitudes toward women, positive attitudes about casual sex, personality traits associated with nonclinical levels of psychopathy, antisocial behavior, and alcohol problems. In the

same direction, the results of DeGue and DiLillo (2005) show that sexually coercive males displayed stronger indicators of promiscuity, delinquency, psychopathic personality traits, empathic deficit, and experience of child abuse than nonoffending males. Anxious attachment style also appears to interfere with insistent pressure to have sex among men who feel that their partner is avoiding sex (Brassard et al., 2007).

Another condition that may predict sexually coercive acts is when the perpetrator has anonymity or the costs of the acts are low, such as in scenarios of war (Stiglmayer, 1994). Also, social conventions on how interpersonal sexual interactions may happen, named “sexual scripts”, comprise proximal factors influencing such behaviors. Traditional gender role scripts usually endorse the persistence of males in obtaining sex, as well as the playful resistance of females, which may naturalize sexual coercion (Marshall et al., 2021). Finally, as mentioned above, within romantic heterosexual relationships, acts of sexual coercion can happen more frequently in contexts of suspected infidelity, as an anti-cuckoldry tactic from a man against a woman (Goetz & Shackelford, 2006; Shackelford et al., 2006; Camilleri et al., 2009).

### **Shortcomings in the literature**

Despite the growing body of research on sexual coercion and intimate partner violence, highlighting gaps in the literature may be useful to tread paths of investigation that will make a difference in the theoretical scope of this topic. To do so, we address the following limitations on the current sexual coercion literature: (1) self-reported measures; (2) samples of only heterosexual individuals or couples; (3) solving the adaptive function versus by-product issue; (4) lack of investigation of adaptive functions in coercion practiced by women; (5) limited cultural diversity.

It has been long debated the limitations of relying on self-reported measures. For example, there are problems with construct validity, especially when some theoretical

constructs are culturally specific (Atari et al., 2020; Brutus et al., 2013). Furthermore, researchers may not account for desirability bias, which may lead to the underestimation of socially negative behaviors like sexual coercion. This may be particularly true when assessing only male respondents that may report lower levels of coercion when compared to their own partners (Brousseau et al., 2010). Additionally, participants very often contrast themselves against what they perceive to be the majority view in their environment, so they might report they do not hold certain beliefs or attitudes but attribute the same beliefs and attitudes to other people (Yamagishi et al., 2008). Furthermore, it is important to use representative studies to understand the psychological underpinnings of individual differences. In topics like human sexuality, if researchers cannot give up using self-reports due to their benefits, they must consider the limitations of such methods, and/or incorporate other measures to compensate for these shortcomings, when possible.

Relationship science is a relatively new subfield within social-personality psychology, which mostly focuses on intergroup relations (McGorray, 2023). Therefore, few studies have information on dyads, which can be better than individual assessments, since dyads can inform how one perceives the behavior of hers/his partner, and how they respond to each other's behavior. Straus et al. (2014) point out that in violence research, the focus tends to be on an identified aggressor or victim, with little or no attention to the behavior of the other member of the dyad. This practice neglects the dyadic nature of violence, which has been shown in research to be mostly bi-directional and also hinders the opportunity to focus on partner violence as a criminal act or psychological problem regardless of the gender of the perpetrator (Straus et al., 2014).

Whether or not sexual coercion is an evolved anti-cuckoldry tactic or a by-product of the use of misguided coaxing or instrumental aggression to obtain a goal, studies must address the criteria to qualify a psychological trait as an adaptation (Lewis et al, 2021;



Silva Júnior, 2023; Tooby & Cosmides, 2015). Notwithstanding, studies may consider testing different theories against each other since other evolutionary but non-adaptationist theories and socio-constructionist theories also provide accounts to explain the pervasive frequency of sexual coercion, especially when perpetrated by men against their female partners (Gladden et al., 2008). Evolutionary psychological studies that employed tests of different theories against each other have provided remarkable advances in the understanding of psychological phenomena (Cosmides et al., 2010; Krasnow et al., 2012; Pietraszewski, 2022; Walter et al., 2020; Zhang et al., 2019).

While it makes sense that evolutionary studies take sex differences into account, the lack of attention to intrasexual differences may obscure another important set of evolutionary questions. As previously mentioned, the majority of sexual coercion behaviors are perpetrated by men against their female partners (Palmer, 1991). While the incidence of this behavior is pervasive in heterosexual relationships and such a pattern may be indicative of possible evolutionary functions, it is also important to examine the extent to which sexually coercive behaviors are found among gay and lesbian couples. If there are evolutionary or cultural roots or maybe both in the perpetration and victimization of sexual coercion across sexes, genders, and sexual orientations, the evolutionary theory may benefit from this investigation to provide a better picture of human sexual behavior.

Furthermore, although forced copulation has only been mapped in males against females, it is also important to remember that sexually coercive behaviors are also present in non-human females and they also serve to secure the male partner in the relationship, not allowing the partner to copulate with female rivals, and decreasing the chances of abandonment of the coercive female (Alcock & Rubenstein, 2019). Whether or not the predictors of sexual coercion perpetration differ between sexes, its evolutionary functions for both males and females must be equally addressed. This perspective is in line with the

advancing recognition that females are agents in the evolutionary process, being capable of exhibiting both pro-social and aggressive behavior to secure their reproductive interests (Krems et al., 2021).

We also encourage researchers to enlighten the conditions under which sexual coercion is perpetuated by non-heterosexual individuals. Additionally, sexual assault interventions often focus on the male perpetrator, which neglects the opportunity to identify and prevent situations where women or men are victimized by women.

In the sexual assault context, Girshick (2002) points out that not only sexual orientation, but race, class, ability, immigration status, and age are variables that make a difference in terms of treatment, access to rights, and services. Neglected and more vulnerable populations should also receive attention from sexual coercion scientists. Furthermore, most of the studies mentioned (DeGue, 2005; Gladden et al., 2008; Hoffman, 2019; Prusik, 2020; Lyons, 2022; Hughes et al., 2020) come from WEIRD (i.e., Western, Educated, Industrialized, Rich, and Democratic) societies. Future research is required to confirm that such explanatory hypotheses are also corroborated in non-WEIRD cultures.

One final important limitation to note in the study of sexual coercion from an evolutionary perspective is the lack of cultural diversity. Despite increasing changes to include more culturally diverse populations in evolutionary psychological studies, much more needs to be done (Pollet & Saxton, 2019; Martins et al., submitted). Moreover, researchers still rely on university students even in non-WEIRD cultures from Africa, Asia, and South America (Lopes et al., 2018; Schmitt et al., 2004; Walter et al., 2020). It is important to bear in mind that the challenges that young adults may experience in their relationships may differ qualitatively from that of older adults, because the latter may

have developed more stable and lasting relationships, had children, or are getting divorced, while the former may be still in the mating market.

On the other hand, it is needless to say that addressing cultural diversity is necessary for the evaluation of evolutionary theories as well as for demonstrating that information-processing mechanisms operate in similar ways in different cultures (e.g., Friedman et al., 2010; Lieberman & Lobel, 2012; Petersen et al., 2012; Sell et al., 2017; Sugiyama et al., 2002; Sznycer et al., 2018). These mechanisms are supposed to lead to patterns of behavioral strategies seen worldwide, even if specific behaviors may differ significantly between cultures (Chapais, 2016; Norenzayan & Heine, 2005; Schmitt, 2005; Schmitt et al., 2004; Walter et al., 2020, 2021; Zhang et al., 2019). Without testing ideas in diverse samples and contexts, researchers are left in the dark about to whom their findings apply (McGorray et al., 2023). If most studies are conducted on a highly nonrepresentative sector of the human population (i.e., WEIRD samples), the collected information may not be helpful in subsidizing interventions, doing little to improve conditions for most of the population.

### **Conclusion remarks**

The main objective of the present review was to present and discuss the evolutionary framework of sexual coercion and also to clarify and map the conditions and risk factors that predict its occurrence. A better understanding of the conditions in which sexual coercion occurs might subsidize interventions to prevent it. It has been shown that sexually coercive tactics result from interactions between distal and proximal factors. Specialized psychological mechanisms, such as Sexual Arousal to Force (SAF) (Malamuth et al. 2005), were presented as possible adaptations influencing the perpetrating behaviors of males. As an opposing force, evidence of specialized psychological mechanisms in females to avoid sexual coercion was discussed (Petralia &

Gallup, 2002; Bröder & Hohmann, 2003; Borrás-Guevara et al., 2017; Huppín et al., 2019). By-products and anti-cuckoldry tactics theories (Symons, 1980; Goetz & Shackelford, 2006; Gladden et al., 2007) also taken into account as alternative paths to understanding the role distal factors may play in sexually coercive behaviors.

As a result of the present study, predictors of higher risk of sexual coercion were identified as gender (male aggressors against female victims); personality traits (DT traits of Machiavellianism, psychopathy, and narcissism); faster LH strategies, hostile attitudes from males against females, and the (anxious) attachment style of the aggressor. Also, cultural beliefs (rape myth acceptances), sexual scripts (involving traditional gender roles), and some situational conditions (i.e., perceived risk of female infidelity in long-term partners, alcohol consumption, and anonymity or sense of impunity).

About interventions grounded on EP findings, Huppín et al. (2019) suggest eight promising guidelines, such as (a) interventions preferably at relatively early ages, since individual differences in life history play a role in organizing later behavior; (b) more comprehensive programs, rather than time-limited or one-shot interventions, which are unlikely to achieve behavior change; (c) fomenting female empowerment, including self-defense and risk recognition programs specifically designed for women; (d) clear policies to inhibit the expression of sexual aggression, (e) emphasis on changing social environmental inputs that endorse sexually coercive acts, (f) focus on changing the behavior of men who are at higher risk of committing sexual assault, (g) when considering undesirable effects of prevention programs, reflect upon and try to reduce hostile reactions by men, and (h) utilize empathy-based interventions, considering emotional levels, not only cognitive levels.

## References

- Abbey, A., & Jacques-Tiura, A. J. (2011). Sexual assault perpetrators' tactics: Associations with their personal characteristics and aspects of the incident. *Journal of Interpersonal Violence, 26*(14), 2866-2889. <https://doi.org/10.1177/0886260510390955>
- Andrews, P. W., Gangestad, S. W., & Matthews, D. (2002). Adaptationism—how to carry out an exaptationist program. *Behavioral and Brain Sciences, 25*(4), 489-504.
- Alcock, J., & Rubenstein, D. R. (2019). *Animal behavior* (Eleventh edition). Oxford University Press.
- Atari, M., Graham, J., & Dehghani, M. (2020). Foundations of morality in Iran. *Evolution and Human Behavior, 41*(5), 367–384. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2020.07.014>
- Al-Shawaf, L., Lewis, D. M. G., Wehbe, Y. S., & Buss, D. M. (2018). Context, Environment, and Learning in Evolutionary Psychology. *Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science, 1*–12. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-16999-6\\_227-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-16999-6_227-1)
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Wallace, H. M. (2002). Conquest by force: A narcissistic reactance theory of rape and sexual coercion. *Review of general psychology, 6*(1), 92-135. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.6.1.92>
- Blinkhorn, V., Lyons, M., & Almond, L. (2015). The ultimate femme fatale? Narcissism predicts serious and aggressive sexually coercive behaviour in females. *Personality and Individual Differences, 87*, 219-223. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.001>
- Bohner, G., Jarvis, C. I., Eyssel, F., & Siebler, F. (2005). The causal impact of rape myth acceptance on men's rape proclivity: Comparing sexually coercive and noncoercive men. *European Journal of Social Psychology, 35*(6), 819-828. <https://doi.org/10.1002/ejsp.284>

Borras-Guevara, M. L., Batres, C., & Perrett, D. I. (2017). Aggressor or protector? Experiences and perceptions of violence predict preferences for masculinity. *Evolution and Human Behavior*, 38(4), 481-489. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2017.03.004>

Brassard, A., Shaver, P. R., & Lussier, Y. (2007). Attachment, sexual experience, and sexual pressure in romantic relationships: A dyadic approach. *Personal Relationships*, 14(3), 475-493. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2007.00166.x>

Bröder, A., & Hohmann, N. (2003). Variations in risk taking behavior over the menstrual cycle: An improved replication. *Evolution and Human Behavior*, 24(6), 391-398. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(03\)00055-2](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(03)00055-2)

Brousseau, M. M., Bergeron, S., Hébert, M., & McDuff, P. (2011). Sexual coercion victimization and perpetration in heterosexual couples: A dyadic investigation. *Archives of Sexual Behavior*, 40, 363-372. <https://doi.org/10.1007/s10508-010-9617-0>

Burch, R. L., & Gallup Jr., G. G. (2020). Abusive men are driven by paternal uncertainty. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 14(2), 197–209. <https://doi.org/10.1037/ebs0000163>

Buss, D. M. (2018). Sexual and Emotional Infidelity: Evolved Gender Differences in Jealousy Prove Robust and Replicable. *Perspectives on Psychological Science*, 13(2), 155–160. <https://doi.org/10.1177/1745691617698225>

Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate Preferences and Their Behavioral Manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70(1), 77–110. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010418-103408>

Brutus, S., Aguinis, H., & Wassmer, U. (2013). Self-Reported Limitations and Future Directions in Scholarly Reports: Analysis and Recommendations. *Journal of Management*, 39(1), 48–75. <https://doi.org/10.1177/0149206312455245>

Camilleri, J. A., & Quinsey, V. L. (2009). Testing the cuckoldry risk hypothesis of partner sexual coercion in community and forensic samples. *Evolutionary Psychology*, 7(2). <https://doi.org/10.1177/147470490900700203>

Camilleri, J. A., Quinsey, V. L., & Tapscott, J. L. (2009). Assessing the propensity for sexual coaxing and coercion in relationships: Factor structure, reliability, and validity of the Tactics to Obtain Sex Scale. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 959-973. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9377-2>

Carton, H., & Egan, V. (2017). The dark triad and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 105, 84-88. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.09.040>

Chapais, B. (2016). Psychological adaptations and the production of culturally polymorphic social universals. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 11(1), 63. <https://doi.org/10.1037/ebs0000079>

Cosmides, L., Barrett, H. C., & Tooby, J. (2010). Adaptive specializations, social exchange, and the evolution of human intelligence. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 107(supplement\_2), 9007–9014. <https://doi.org/10.1073/pnas.0914623107>

Crosby, C. L., Buss, D. M., Cormack, L. K., & Meston, C. M. (2021). Sex, sexual arousal, and sexual decision making: An evolutionary perspective. *Personality and Individual Differences*, 177. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2021.110826>

De Visser, R. O., Smith, A. M., Rissel, C. E., Richters, J., & Grulich, A. E. (2003). Sex in Australia: Experiences of sexual coercion among a representative sample of adults. *Australian and New Zealand journal of public health*, 27(2), 198-203. <https://doi.org/10.1111/j.1467-842x.2003.tb00808.x>

DeGue, S., & DiLillo, D. (2005). Understanding perpetrators of nonphysical sexual coercion: Characteristics of those who cross the line. *Violence and victims*, 19(6), 673-688. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.6.673.66345>

DeGue, S., & DiLillo, D. (2005). “You would if you loved me”: Toward an improved conceptual and etiological understanding of nonphysical male sexual coercion. *Aggression and Violent Behavior*, 10(4), 513-532. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2004.09.001>

DeGue, S., DiLillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse*, 22(4), 402-426. doi: 10.1177/1079063210372140

Fiebert, M. S., & Tucci, L. M. (1998). Sexual coercion: Men victimized by women. *The Journal of Men’s Studies*, 6(2), 127-133. <https://doi.org/10.1177/106082659800600201>

Friedman, M., Rholes, W. S., Simpson, J., Bond, M., Diaz-Loving, R., & Chan, C. (2010). Attachment avoidance and the cultural fit hypothesis: A cross-cultural investigation. *Personal Relationships*, 17(1), 107–126. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2010.01256.x>

Fuentes, A. (2021). Searching for the “roots” of masculinity in primates and the human evolutionary past. *Current Anthropology*, 62(S23), S13-S25. <https://doi.org/10.1086/711582>

Girshick, L. B. (2002). No sugar, no spice: Reflections on research on woman-to-woman sexual violence. *Violence Against Women*, 8(12), 1500-1520. <https://doi.org/10.1177/107780102237967>



Gladden, P. R., Sisco, M., & Figueredo, A. J. (2008). Sexual coercion and life-history strategy. *Evolution and human behavior*, 29(5), 319-326. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2008.03.003>

Grauvogl, A., de Jong, P., Peters, M., Evers, S., van Overveld, M., & van Lankveld, J. (2015). Disgust and sexual arousal in young adult men and women. *Archives of sexual behavior*, 44(6), 1515-1525. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0349-4>

Goetz, A.T., and Shackelford, T.K. (2006). Sexual coercion and forced in-pair copulation as sperm competition tactics in humans. *Human Nature*, 17, 265-282. <https://doi.org/10.1007/s12110-006-1009-8>

Hagen, E. H., & Barrett, H. C. (2007). Perinatal Sadness among Shuar Women: Support for an Evolutionary Theory of Psychic Pain. *Medical Anthropology Quarterly*, 21(1), 22–40. <https://doi.org/10.1525/maq.2007.21.1.22>

Hagen, E. H. (2015). Controversial issues in evolutionary psychology. *The handbook of evolutionary psychology*, 145-173. <https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch5>

Hughes, A., Brewer, G., & Khan, R. (2020). Sexual coercion by women: The influence of pornography and narcissistic and histrionic personality disorder traits. *Archives of sexual behavior*, 49(3), <https://doi.org/885-894>. [10.1007/s10508-019-01538-4](https://doi.org/10.1007/s10508-019-01538-4)

Huppin, M., & Malamuth, N. M. (2015). Sexual coercion. In Buss, D. M. (2015). *The Handbook of Evolutionary Psychology, Volume 1: Foundation*, 1, (pp. 462-481). <https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch13>

Huppin, M., Malamuth, N. M., & Linz, D. (2019). An Evolutionary Perspective on Sexual Assault and Implications for Interventions. In *Handbook of Sexual Assault and*

Sexual Assault Prevention (pp. 17-44). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8_2)

Krasnow, M. M., Cosmides, L., Pedersen, E. J., & Tooby, J. (2012). What Are Punishment and Reputation for? *PLoS ONE*, 7(9), e45662. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0045662>

Krems, J. A., Claessens, S., Fales, M. R., Campenni, M., Haselton, M. G., & Aktipis, A. (2021). An agent-based model of the female rivalry hypothesis for concealed ovulation in humans. *Nature Human Behaviour*, 5(6), 726–735. <https://doi.org/10.1038/s41562-020-01038-9>

Lalumière, M. L., & Lalumiere, M. L. (2005). The causes of rape: Understanding individual differences in male propensity for sexual aggression (pp. vii-294). Washington, DC: American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10961-000>

Lieberman, D., & Lobel, T. (2012). Kinship on the Kibbutz: Coresidence duration predicts altruism, personal sexual aversions and moral attitudes among communally reared peers. *Evolution and Human Behavior*, 33(1), 26–34. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2011.05.002>

Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2018). Sexual Coercion, Mate Retention, and Relationship Satisfaction in Brazilian and American Romantic Relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626051882145. <https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

Lukaszewski, A. W. (2013). Testing an Adaptationist Theory of Trait Covariation: Relative Bargaining Power as a Common Calibrator of an Interpersonal Syndrome. *European Journal of Personality*, 27(4), 328–345. <https://doi.org/10.1002/per.1908>

Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2022). The dark triad and sexual assertiveness predict sexual coercion differently in men and women. *Journal of interpersonal violence*, 37(7-8). <https://doi.org/10.1177/0886260520922346>

Malamuth, N. M. (1998). An evolutionary-based model integrating research on the characteristics of sexually coercive men. *Advances in psychological science*, 1, Social, personal, and cultural aspects, 151–184, Psychology Press/Erlbaum (UK) Taylor & Francis.

Marshall, E. A., Miller, H. A., & Bouffard, J. A. (2021). Bridging the theoretical gap: Using sexual script theory to explain the relationship between pornography use and sexual coercion. *Journal of interpersonal violence*, 36(9-10), <https://doi.org/10.1177/0886260518795170>

McConaghy, N., & Zamir, R. (1995). Heterosexual and homosexual coercion, sexual orientation and sexual roles in medical students. *Archives of Sexual Behavior*, 24(5), 489-502. <https://doi.org/10.1007/BF01541830>

McDonald, M. M., Donnellan, M. B., & Navarrete, C. D. (2012). A life history approach to understanding the Dark Triad. *Personality and individual differences*, 52(5), 601-605. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.12.003>

McDonald, M. M., Donnellan, M. B., Cesario, J., & Navarrete, C. D. (2015). Mate choice preferences in an intergroup context: Evidence for a sexual coercion threat-management system among women. *Evolution and Human Behavior*, 36(6), 438-445. <https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2015.04.002>

McDonald, M. M., James, R. M., & Roberto, D. P. (2021). True crime consumption as defensive vigilance: psychological mechanisms of a rape avoidance system. *Archives of sexual behavior*, 50(5), 2085-2108. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-01990-1>

McGorray, E. L., Emery, L. F., Garr-Schultz, A., & Finkel, E. J. (2023). "Mostly White, heterosexual couples": Examining demographic diversity and reporting practices in relationship science research samples. *Journal of Personality and Social Psychology*. <https://doi.org/10.1037/pspi0000417>

Mitchell, J. E., & Raghavan, C. (2021). The impact of coercive control on use of specific sexual coercion tactics. *Violence against women*, 27(2), 187-206  
Shackelford, T. K. (2021). *The SAGE Handbook of Evolutionary Psychology: Foundations of Evolutionary Psychology*. SAGE Publications Inc. <https://doi.org/10.1177/1077801219884127>

Neuberg, S. L., Kenrick, D. T., & Schaller, M. (2011). Human threat management systems: Self-protection and disease avoidance. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 35(4), 1042-1051. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2010.08.011>

Norenzayan, A., & Heine, S. J. (2005). Psychological Universals: What Are They and How Can We Know? *Psychological Bulletin*, 131(5), 763–784. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.131.5.763>

Palmer, C. T. (1991). Human rape: Adaptation or by-product? *Journal of Sex Research*, 28(3), 365-386. <https://doi.org/10.1080/00224499109551614>

Paulhus, D., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36(6), 556–563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)

Pavlović, T., Markotić, A., & Bartolin, A. (2019). Dark triad and estimated probability of sexual coercion. *Personality and Individual Differences*, 151, Article 109527. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109527>

Petersen, M. B., Sznycer, D., Cosmides, L., & Tooby, J. (2012). Who Deserves Help? Evolutionary Psychology, Social Emotions, and Public Opinion about Welfare. *Political Psychology*, 33(3), 395–418. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2012.00883.x>

Petralia, S. M., & Gallup Jr, G. G. (2002). Effects of a sexual assault scenario on handgrip strength across the menstrual cycle. *Evolution and Human Behavior*, 23(1), 3-10. [https://doi.org/10.1016/S1090-5138\(01\)00085-X](https://doi.org/10.1016/S1090-5138(01)00085-X)

Pietraszewski, D. (2022). A (failed) attempt to falsify the alliance hypothesis of racial categorization: Racial categorization is not reduced when crossed with a nonalliance category. *Journal of Experimental Psychology: General*, 151(9), 2195–2203. <https://doi.org/10.1037/xge0001183>

Pollet, T. V., & Saxton, T. K. (2019). How Diverse Are the Samples Used in the Journals ‘Evolution & Human Behavior’ and ‘Evolutionary Psychology’? *Evolutionary Psychological Science*, 5(3), 357–368. <https://doi.org/10.1007/s40806-019-00192-2>

Pugh, B., & Becker, P. (2018). Exploring definitions and prevalence of verbal sexual coercion and its relationship to consent to unwanted sex: Implications for affirmative consent standards on college campuses. *Behavioral sciences*, 8(8), 69. <https://doi.org/10.3390/bs8080069>

Prusik, M., Konopka, K., & Kocur, D. (2021). Too many shades of gray: The Dark Triad and its linkage to coercive and coaxing tactics to obtain sex and the quality of romantic relationships. *Personality and Individual Differences*, 170. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110413>

Russell, B. L., & Oswald, D. L. (2001). Strategies and dispositional correlates of sexual coercion perpetrated by women: An exploratory investigation. *Sex Roles*, 45(1), 103-115. <https://doi.org/10.1023/A:1013016502745>

Schatzel-Murphy, E. A., Harris, D. A., Knight, R. A., & Milburn, M. A. (2009). Sexual coercion in men and women: Similar behaviors, different predictors. *Archives of Sexual Behavior*, 38(6), 974-986. <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9481-y>

Schepke, R., & Shackelford, T. K. (2021). Forced Copulation. In J. Vonk & T.K. Shackelford (Eds.), *Encyclopedia of Animal Cognition and Behavior*. New York: Springer Nature. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-47829-6\\_2122-1](https://doi.org/10.1007/978-3-319-47829-6_2122-1)

Schmitt, D. (2005). Sociosexuality from Argentina to Zimbabwe: A 48-nation study of sex, culture, and strategies of human mating. *Behavioral and Brain Sciences*, 28(2), 247–275. <https://doi.org/10.1017/S0140525X05000051>

Schmitt, D. (2008). Evolutionary Perspectives on Romantic Attachment and Culture: How Ecological Stressors Influence Dismissing Orientations Across Genders and Geographies. *Cross-Cultural Research*, 42(3), 220–247. <https://doi.org/10.1177/1069397108317485>

Schmitt, D., Alcalay, L., Allensworth, M., Allik, J., Ault, L., Austers, I., Bennett, K. L., Bianchi, G., Boholst, F., Cunen, M. A. B., Braeckman, J., Brainerd, E. G., Caral, L. G. A., Caron, G., Casullo, M. M., Cunningham, M., Daibo, I., De Backer, C., De Souza, E., ... Zupančič, A. (2004). Patterns and Universals of Adult Romantic Attachment Across 62 Cultural Regions: Are Models of Self and of Other Pancultural Constructs? *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 35(4), 367–402. <https://doi.org/10.1177/0022022104266105>

Schmitt, D. P., & Pilcher, J. J. (2004). Evaluating Evidence of Psychological Adaptation: How Do We Know One When We See One? *Psychological Science*, 15(10), 643–649. <https://doi.org/10.1111/j.0956-7976.2004.00734.x>

Sell, A., Sznycer, D., Al-Shawaf, L., Lim, J., Krauss, A., Feldman, A., Rascanu, R., Sugiyama, L., Cosmides, L., & Tooby, J. (2017). The grammar of anger: Mapping the

computational architecture of a recalibrational emotion. *Cognition*, 168, 110–128.  
<https://doi.org/10.1016/j.cognition.2017.06.002>

Silva Júnior, M. D., Ramos, M. de M., & Corrêa, H. V. V. (2022). Sociosexuality and Sexual Behavior in Men During the COVID-19 Pandemic. *Trends in Psychology*.  
<https://doi.org/10.1007/s43076-022-00244-w>

Shackelford, T.K., Goetz, A.T., Guta, F.E., and Schmitt, D.P. (2006). Mate guarding and frequent in-pair copulation in humans: Concurrent or compensatory anti-cuckoldry tactics? *Human Nature*, 17, 239-254. <https://doi.org/10.1007/s12110-006-1007-x>

Sugiyama, L. S., Tooby, J., & Cosmides, L. (2002). Cross-cultural evidence of cognitive adaptations for social exchange among the Shiwiar of Ecuadorian Amazonia. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 99(17), 11537–11542.  
<https://doi.org/10.1073/pnas.122352999>

Syme, K. L., Garfield, Z. H., & Hagen, E. H. (2016). Testing the bargaining vs. Inclusive fitness models of suicidal behavior against the ethnographic record. *Evolution and Human Behavior*, 37(3), 179–192.  
<https://doi.org/10.1016/j.evolhumbehav.2015.10.005>

Symons, D. (1980). The evolution of human sexuality revisited. *Behavioral and Brain Sciences*, 3(2), 203-214. <https://doi.org/10.1017/S0140525X00004386>

Szyncer, D., Xygalatas, D., Alami, S., An, X.-F., Ananyeva, K. I., Fukushima, S., Hitokoto, H., Kharitonov, A. N., Koster, J. M., Onyishi, C. N., Onyishi, I. E., Romero, P. P., Takemura, K., Zhuang, J.-Y., Cosmides, L., & Tooby, J. (2018). Invariances in the architecture of pride across small-scale societies. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 115(33), 8322–8327. <https://doi.org/10.1073/pnas.1808418115>

Trivers, R. L. (1974). Parent-offspring conflict. *Integrative and comparative biology*, 14(1), 249-264. <https://doi.org/10.1093/icb/14.1.249>

Varella, M. A. C., Santos, I. dos, Ferreira, J. H. B. P., & Vera Silvia Bussab. (2013). Misunderstandings in Applying Evolution to Human Mind and Behavior and its Causes: A Systematic Review. *EvoS Journal: The Journal of the Evolutionary Studies Consortium*, 5, 81–107.

Vasey, P. L., Parker, J. L., & VanderLaan, D. P. (2014). Comparative Reproductive Output of Androphilic and Gynephilic Males in Samoa. *Archives of Sexual Behavior*, 43(2), 363–367. <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0195-9>

Vasey, P. L., & VanderLaan, D. P. (2010). Avuncular Tendencies and the Evolution of Male Androphilia in Samoan Fa'afafine. *Archives of Sexual Behavior*, 39(4), 821–830. <https://doi.org/10.1007/s10508-008-9404-3>

Waldner-Haugrud, L. (1999). Sexual coercion in lesbian and gay relationships: A review and critique. *Aggression and Violent Behavior*, 4(2), 139-149.

Wang, I.M., Michalak, N.M., Ackerman, J.M. (2021). Life History Strategies. In: Shackelford, T.K., Weekes-Shackelford, V.A. (eds) *Encyclopedia of Evolutionary Psychological Science*. Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-19650-3\\_1926](https://doi.org/10.1007/978-3-319-19650-3_1926)

Walter, K. V., Conroy-Beam, D., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Atamtürk Duyar, D., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., ... Zupančič, M. (2020). Sex Differences in Mate Preferences Across 45 Countries: A Large-Scale Replication. *Psychological Science*, 31(4), 408–423. <https://doi.org/10.1177/0956797620904154>



Walter, K. V., Conroy-Beam, D., Buss, D. M., Asao, K., Sorokowska, A., Sorokowski, P., Aavik, T., Akello, G., Alhabahba, M. M., Alm, C., Amjad, N., Anjum, A., Atama, C. S., Duyar, D. A., Ayebare, R., Batres, C., Bendixen, M., Bensafia, A., Bizumic, B., ... Za, M. M. (2021). Sex differences in human mate preferences vary across sex ratios.

Winegard, B. M., Winegard, B. M., & Deaner, R. O. (2014). Misrepresentations of Evolutionary Psychology in Sex and Gender Textbooks. *Evolutionary Psychology*, 12(3), 147470491401200. <https://doi.org/10.1177/147470491401200301>

Yamagishi, T., Hashimoto, H., & Schug, J. (2008). Preferences Versus Strategies as Explanations for Culture-Specific Behavior. *Psychological Science*, 19(6), 579–584. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9280.2008.02126.x>

Yucel, E., Cantor, N., Joppa, M., & Angelone, D. J. (2019). Who is at high risk for victimhood?. In *Handbook of sexual assault and sexual assault prevention* (pp. 177-194). Springer, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8\\_10](https://doi.org/10.1007/978-3-030-23645-8_10)

Zhang, L., Lee, A. J., DeBruine, L. M., & Jones, B. C. (2019). Are Sex Differences in Preferences for Physical Attractiveness and Good Earning Capacity in Potential Mates Smaller in Countries With Greater Gender Equality? *Evolutionary Psychology*, 17(2), 147470491985292. <https://doi.org/10.1177/1474704919852921>

**Capítulo 3: COERÇÃO SEXUAL E TRÍADE SOMBRIA DA  
PERSONALIDADE: UM ESTUDO COM CASAIS BRASILEIROS**

Sarah Torres Teixeira de Mello, Mauro Dias Silva Júnior

## **Introdução**

O amor romântico pode ser definido como um estado motivacional tipicamente associado com o desejo de relacionamento de longo prazo com um indivíduo em particular (Kushnick & Bode, 2021). Sua história evolutiva está relacionada ao sucesso reprodutivo de indivíduos que solucionaram problemas adaptativos por meio da escolha de parceiros, formação de pares, sexo, cuidado biparental, entre outros fenômenos (Fletcher et al., 2015; Almeida & Silva Júnior, 2023).

Nesse contexto, a satisfação conjugal representa uma avaliação geral positiva dos parceiros sobre o relacionamento, que envolve a percepção de que os benefícios da relação são maiores do que os custos (Buss & Schmit, 1993). Estudos apontam aspectos da personalidade do parceiro, estilos de apego, percepção de suscetibilidade à infidelidade, comportamentos de retenção de parceiro e coerção sexual como alguns dos custos que podem influenciar na satisfação no relacionamento amoroso (Shackelford & Buss, 2000; Lopes et al., 2018).

Em termos de características individuais, o funcionamento empático deficitário pode ocasionar grandes prejuízos nos relacionamentos interpessoais (Zuchetto, 2018). Nesse sentido, os traços da personalidade de maquiavelismo, psicopatia subclínica e narcisismo, que compõe a tríade sombria da personalidade, apresentam o déficit empático e a insensibilidade como aspecto central (Paulhus & Williams, 2002). Ademais, é visto que indivíduos com níveis mais altos da tríade sombria apresentam maior predisposição para expressar violência entre parceiros íntimos (Kanemasa et al., 2022), inclusive atos de coerção sexual.

Embora a coerção sexual envolva táticas para obter contato sexual mesmo sem o consentimento do parceiro (McConaghy et al., 1995; Pugh & Becker, 2018; Hughes et al., 2019), ela se difere do conceito de agressão sexual, pois não abarca o uso da força

física, mas ameaças, manipulação e intimidação. Por esse motivo, observa-se maior dificuldade na identificação dos possíveis prejuízos de sua ocorrência, bem como maior propensão à culpabilização da vítima (Mitchell & Raghavan, 2021), especialmente nos casos em que os envolvidos estão num relacionamento amoroso.

Indivíduos do sexo masculino tendem a praticar coerção sexual com mais frequência quando comparados a pessoas do sexo feminino (DeGue, 2005; Huppín & Malamuth, 2015; Lyons, 2022). Em nível distal, padrões de comportamento sexual distintos entre pessoas de diferentes sexos podem ser explicados pela teoria de investimento parental (Trivers, 1972; Janicke et al., 2016; Mogilski, 2021). A hipótese evolutiva explica que a prática sexual irrestrita implicaria em custos mais altos para pessoas do sexo feminino, diante da possibilidade e custos obrigatórios da gravidez e lactação.

Dessa maneira, é visto que a maioria dos estudos sobre coerção sexual trabalha com amostras focadas em casais heterossexuais com o homem na posição de agressor e a mulher como vítima (DeGue & DiLillo, 2005; Goetz & Shackelford, 2006; Lopes et al., 2021). Tendo isso em vista, o presente trabalho buscou abarcar também a possibilidade de pessoas do sexo feminino cometerem a coerção sexual, além de reunir esforços durante a coleta de dados para recrutar pessoas em relacionamentos não-heterossexuais.

O objetivo principal consiste em investigar tanto a perpetuação quanto a vitimização à coerção sexual, e sua relação com a presença de indicadores da tríade sombria da personalidade e da satisfação num relacionamento amoroso de longo prazo (a partir de 1 ano de relacionamento). A inclusão da satisfação no relacionamento se deu por evidências de sua correlação com indicadores de agressão entre parceiros íntimos, embora ainda não esteja claro se como variável preditora, variável desfecho ou envolvendo uma relação bi-direcional (Hammett et al., 2021).

Para tanto, optou-se por fazer a coleta com duas amostras distintas: o Estudo 1 contou com amostra de casais heterossexuais com pelo menos 1 ano de relacionamento, os quais responderam os questionários de forma simultânea, produzindo dados da díade para análise. O Estudo 2, contou com indivíduos que relataram estar num relacionamento amoroso heterossexual ou não-heterossexual há pelo menos 1 ano.

### **Hipóteses e predições Estudo 1**

Para o Estudo 1, elaboramos as seguintes hipóteses e predições associadas:

**Hipótese 1:** A presença de características da tríade sombria da personalidade consiste num dos preditores da prática de coerção sexual;

**Predição 1.1:** maiores níveis de características de maquiavelismo do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a);

**Predição 1.2:** maiores níveis de características de narcisismo do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a);

**Predição 1.3:** maiores níveis de características de psicopatia subclínica do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a).

**Hipótese 2:** A satisfação no relacionamento está associada à prática de coerção sexual.

**Predição 2.1:** Maiores níveis de satisfação no relacionamento estarão associados a menores níveis de coerção sexual praticada pelo participante do sexo masculino.

**Predição 2.2:** Maiores níveis de satisfação no relacionamento estarão associados a menores níveis de coerção sexual praticada pelo participante do sexo feminino.

**Hipótese 3:** A coerção sexual apresenta preditores diferentes entre pessoas do sexo masculino e feminino.

**Predição 3.1:** traços de narcisismo do indivíduo do sexo feminino atuam como preditores de sua prática de coerção sexual;

**Predição 3.2:** traços de maquiavelismo do indivíduo do sexo masculino atuam como preditores de sua prática de coerção sexual.

**Predição 3.3:** Indivíduos do sexo masculino apresentam mais frequência de prática de coerção sexual do que indivíduos do sexo feminino;

**Hipótese 4:** A presença de características da tríade sombria do(a) parceiro(a) prejudicam os níveis de satisfação do indivíduo no relacionamento;

**Predição 4.1:** Indicadores de maquiavelismo do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento;

**Predição 4.2:** Indicadores de narcisismo do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento;

**Predição 4.3:** Indicadores de psicopatia subclínica do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento;

**Hipótese 5:** A submissão à coerção sexual do sujeito prejudica seu nível de satisfação no relacionamento;

**Predição 5.1:** Maior frequência de coerção sexual sofrida pela participante do sexo feminino, estarão associados a menores níveis de satisfação dela no relacionamento;

**Predição 5.2:** Maior frequência de coerção sexual sofrida pelo participante do sexo masculino, estarão associados a menores níveis de satisfação dele no relacionamento.

## **Método Estudo 1**

### **Participantes**

A amostra foi composta por 55 casais, com média de 28,11 de idade (DP = 10,20), variando entre 18 e 62 anos para o sexo masculino. A renda familiar aproximada foi de 12.785,45 reais (DP= 17302,00), variando entre 1.100 e 120.000 reais. As participantes do sexo feminino apresentaram 25,62 de idade em média (DP = 8,11), variando entre 18 e 54 anos. A renda familiar média aproximada foi de 12.006,08, DP= 14173,498 para o sexo feminino.

### **Instrumentos**

#### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A)**

**Questionário socioeconômico:** Continha questões sobre idade, estado civil, renda familiar e individual, etnia, tempo de relacionamento, orientação sexual, entre outras (Apêndice B).

**Escala do Amor** (França et al., 2016) (Apêndice C): Construída a partir do Marriage and Relationship Questionnaire (Russel & Wells, 2000), a MARQ – Brasil é composta por nove itens, para mensurar o amor romântico em casais em relacionamento estável, dispostos em escala Likert de 5 pontos, sendo 1 = nem um pouco e 5= muito, como exemplo: “Seu relacionamento tem um lado romântico?”. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 1 foi de 0,804.

**Dark Triad Dirty Dozen – DTDD (Apêndice D):** Baseado na escala Dark Triad Dirty Dozen (Jonason & Webster, 2010; Rogoza et al., 2020), possui evidências de validade para a população brasileira por Gouveia et al. (2016). O instrumento é composto por 12 itens, distribuídos igualmente nos três traços da tríade sombria: maquiavelismo (exemplo: “Bajular pessoas para conseguir o que quer”); narcisismo (exemplo: “Busca prestígio ou status”); e psicopatia (exemplo: “Tem falta de remorso”), dispostos em escala Likert de

5 pontos, sendo 1= discordo totalmente e 5 = concordo totalmente. Seu uso é pensado para amostras não clínicas de narcisismo e psicopatia, não sendo utilizada, portanto, para diagnóstico psiquiátrico dos participantes. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 1 foi de 0,764 para Maquiavelismo, 0,538 para Psicopatia e Narcisismo 0,801.

### **Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – ECSRA (Apêndice E e F):**

Baseado na Escala Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale - SCIRS (Goetz & Shackelford, 2004), possui evidências de validade para o contexto brasileiro por Lopes et al. (2018). O instrumento é composto por nove itens, no qual os homens respondem sobre os comportamentos sexualmente coercitivos contra suas parceiras no último mês, dispostos em uma escala tipo Likert de 6 pontos, sendo 0 = esse comportamento não ocorreu no último mês e 5 = esse comportamento ocorreu 11 ou mais vezes no último mês, como exemplo: *“Eu dei a entender que pararia de ajudar minha parceira com coisas que ela depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ela não fizesse sexo comigo”*. Já as mulheres respondem sobre os comportamentos sexualmente coercitivos de seus parceiros no último mês, como por exemplo *“Meu parceiro deu a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ele para que, assim, eu fizesse sexo com ele”*. O alfa de Cronbach da escala no Estudo 1 foi de 0,757 para Coerção sofrida e 0,601 para Coerção praticada. Uma inovação em relação ao estudo de Lopes et al. (2018) foi solicitar aos participantes que respondessem ambas as versões da escala. Ou seja, tanto da perspectiva do agressor, quanto da vítima.

### **Procedimento**

Os participantes foram recrutados por meio de convite divulgado em redes sociais, encaminhando-os para um formulário online, no qual forneciam nome e telefone. Após o preenchimento, os pesquisadores entraram em contato para agendar um dia e horário no



qual ambos os membros do casal poderiam participar simultaneamente de forma online. O formato online foi escolhido pelo fato da coleta ter se iniciado ainda durante a pandemia de COVID-19, ocorrendo dos meses de março de 2021 a novembro de 2022. A simultaneidade da participação foi uma condição estabelecida para garantir que um membro do casal não interferisse nas respostas do outro, devido ao conteúdo sensível de diversas questões. Em dia e hora marcada, os pesquisadores e os casais acessavam uma plataforma de chamada de vídeo online, no qual permaneciam conectados durante toda a coleta, com duração média de aproximadamente 25 minutos. Os participantes preenchiam os instrumentos eletronicamente de forma totalmente independente. As coletas foram realizadas com a colaboração de alunos de graduação e estágio do grupo de pesquisa do Laboratório de Psicologia Evolucionista, da Universidade de Brasília.

### **Análise de dados**

De modo a testar o poder preditivo dos indicadores de aspectos da tríade sombria da personalidade (hipótese 1) e da satisfação no relacionamento (hipótese 2) nos níveis de coerção sexual relatados pelo(a) participante, além de testar as diferenças sexuais (hipótese 3) nesse contexto, regressões hierárquicas foram conduzidas (método Enter), tendo os fatores da tríade sombria (narcisismo, psicopatia e maquiavelismo) do participante e seus níveis relatados de satisfação no relacionamento como variáveis preditoras no modelo de regressão.

Um teste t de Student de amostras independentes foi conduzido para testar a predição 3.3, de que indivíduos do sexo masculino apresentariam mais frequência de prática de coerção sexual do que indivíduos do sexo feminino. Por fim, para testar as hipóteses 4 e 5, regressões hierárquicas foram conduzidas (método Enter), tendo os fatores da tríade (maquiavelismo, narcisismo e psicopatia) do(a) parceiro(a) e a coerção

sofrida pelo(a) participante como preditores da satisfação no relacionamento no modelo de regressão.

### Resultados Estudo 1

**Tabela 1**

*Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo feminino*

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,045	-0,012
Constante	-1,64	-0,684	0,357	0,259			
Maquiavelismo	0,002	-0,224	0,228	0,113	0,003		
Narcisismo	0,026	-0,142	0,193	0,083	0,051		
Psicopatia	0,136	-0,077	0,348	0,106	0,194		
Modelo 2 – Coerção praticada						0,045	-0,032
Constante	-0,145	-2,426	2,135	1,135			
Maquiavelismo	0,002	-0,228	0,232	0,114	0,004		
Narcisismo	0,026	-0,143	0,195	0,084	0,051		
Psicopatia	0,135	-0,088	0,358	0,111	0,194		
Satisfação no relacionamento	-0,004	-0,458	0,451	0,226	-0,002		

*Nota.* CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$  \*\*\*  $p < 0,001$ .

As Tabelas 1 e 2 apresentam os resumos das regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual. A regressão com os participantes do sexo feminino (Tabela 1), teve como preditores do modelo 1 os domínios da tríade sombria da própria participante e não demonstrou efeito significativo ( $p = 0,503$ ). O modelo 2 que incluiu a satisfação no relacionamento da própria participante também não foi significativo ( $p = 0,676$ ).

**Tabela 2**

*Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do participante do sexo masculino*

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,109	0,057
Constante	-0,227	-3,052	2,597	1,407			
Maquiavelismo	0,870*	-0,002	1,742	0,434	0,303		
Narcisismo	0,180	-0,590	0,949	0,383	0,068		
Psicopatia	-0,473	-1,409	0,464	0,466	-0,145		
Modelo 2 – Coerção praticada						0,286	0,229**
Constante	16,480	6,616	26,344	4,911			
Maquiavelismo	0,934*	0,144	1,723	0,393	0,325		
Narcisismo	-0,023	-0,729	0,682	0,351	-0,009		
Psicopatia	-0,655	-1,508	0,198	0,425	-0,201		
Satisfação no relacionamento	-3,352***	-5,263	-1,440	0,952	-0,428***		

*Nota.* CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$   
\*\*\*  $p < 0,001$ .

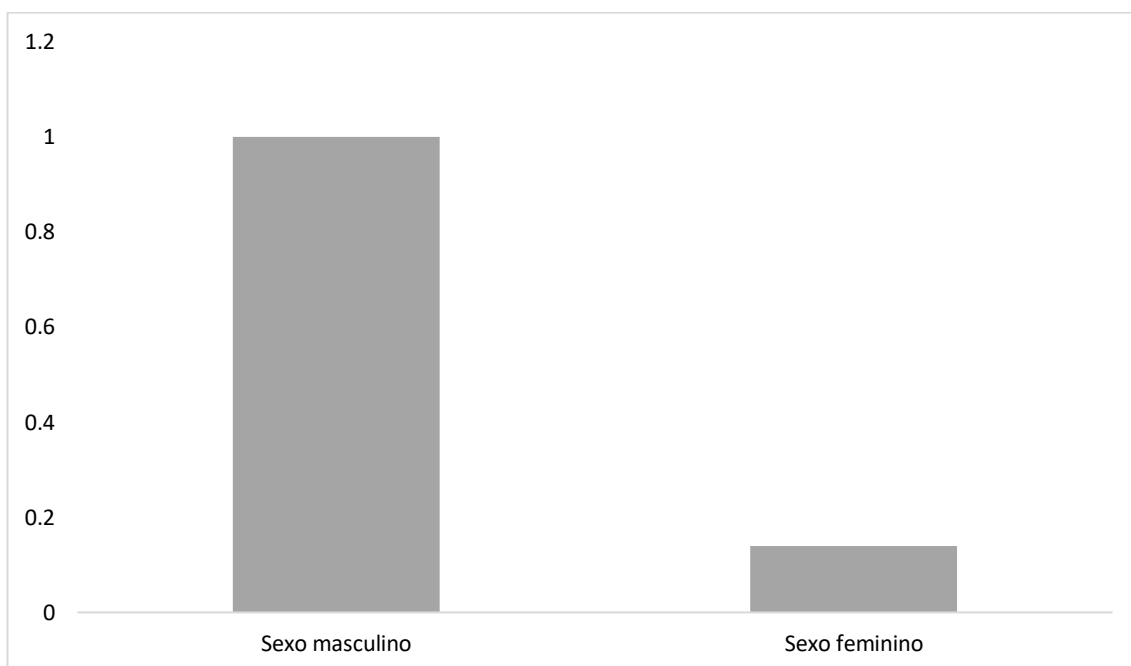
Com os participantes do sexo masculino (Tabela 2), o modelo 1, que envolve as facetas da tríade sombria do próprio participante, também não foi preditivo da prática de coerção sexual ( $p = 0,114$ ). Já no modelo 2, que inseriu a satisfação no relacionamento do próprio participante como variável critério, foi significativo da previsão da coerção sexual ( $p = 0,002$ ). Ou seja, homens menos satisfeitos no relacionamento relataram maior frequência de prática de coerção sexual.

Foi conduzido um teste t de Student comparando as diferenças sexuais na prática de coerção sexual. Os resultados indicaram que, em média, a frequência de prática de coerção sexual de participantes do sexo masculino ( $M = 1,0$ ,  $EP = 0,32$ ) foi maior que a

frequência de prática de coerção sexual dos participantes do sexo feminino ( $M = 0,14$ ,  $EP = 0,06$ ),  $t(54) = -2,355$ ,  $p < 0,05$ ,  $g$  de Hedges =  $0,46$ . A Figura 1 apresenta um gráfico que demonstra essas diferenças.

**Figura 1**

*Comparação da média de frequência de prática de coerção sexual do sexo masculino e feminino*



As Tabelas 3 e 4 apresentam os resumos das regressões hierárquicas predizendo a satisfação no relacionamento. Para o sexo feminino (Tabela 3), os indicadores da tríade sombria do parceiro não foram preditores da satisfação da participante (modelo 1). Já no modelo 2, que incluiu os domínios da tríade sombria e a coerção sexual sofrida, apenas a coerção sexual sofrida demonstrou associação negativa com a satisfação no relacionamento. Ou seja, mulheres que relataram sofrer mais coerção sexual, também relataram menos satisfação no relacionamento.

Para o sexo masculino (Tabela 4), os indicadores da tríade sombria do parceiro não foram preditores da satisfação do participante (modelo 1). No modelo 2, que inseriu indicadores de coerção sexual sofrida, também não foi significativamente preditivo da satisfação do relacionamento.

**Tabela 3**

*Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a satisfação no relacionamento do participante do sexo feminino*

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,094	0,041
Constante	5,063	4,699	5,427	0,181			
Maquiavelismo (dele)	-0,041	-0,153	0,072	0,056	-0,111		
Narcisismo (dele)	-0,084	-0,183	0,015	0,049	-0,250		
Psicopatia (dele)	0,008	-0,113	0,129	0,060	0,020		
Modelo 2 – Coerção praticada						0,177	0,111*
Constante	4,993	4,637	5,350	0,177			
Maquiavelismo (dele)	-0,006	-0,118	0,107	0,056	-0,015		
Narcisismo (dele)	-0,070	-0,166	0,027	0,048	-0,208		
Psicopatia (dele)	0,008	-0,108	0,124	0,058	0,019		
Coerção sofrida	-0,030*	-0,058	-0,003	0,014	-0,310*		

*Nota.* CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$   
\*\*\*  $p < 0,001$ .

**Tabela 4**

*Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a satisfação no relacionamento do participante do sexo masculino*

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,013	-0,045
Constante	4,739***	4,403	5,075	0,167			
Maquiavelismo (dela)	0,038	-0,108	0,184	0,073	0,095		

Narcisismo (dela)	0,007	-0,102	0,115	0,054	0,020
Psicopatia (dela)	-0,046	-0,183	0,091	0,068	-0,103
<hr/>					
Modelo 2 – Coerção praticada					0,160 0,093
Constante	4,727***	4,414	5,041	0,156	
Maquiavelismo (dela)	0,003	-0,136	0,141	0,069	0,007
Narcisismo (dela)	0,039	-0,064	0,142	0,051	0,122
Psicopatia (dela)	-0,043	-0,171	0,084	0,064	-0,098
Coerção sofrida	-0,079**	-0,133	-0,025	0,027	-0,393**

*Nota.* CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$   
\*\*\*  $p < 0,001$ .

### Discussão do Estudo 1

Neste estudo, buscou-se investigar o comportamento de coerção sexual em casais brasileiros, levando em conta a presença de indicadores da tríade sombria da personalidade e da satisfação no relacionamento. Uma novidade foi a amostra ter sido composta por casais, permitindo a análise da díade, além de que ambos os membros do casal preencheram tanto a versão de coerção sexual praticada quanto a de coerção sofrida da Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – SCIRS.

Os resultados indicaram que os respondentes do sexo masculino praticaram, em média, mais coerção sexual do que as participantes do sexo feminino. Isso vai de acordo com dados já consolidados na literatura de que o gênero masculino seria um preditor da prática de coerção sexual (DeGue, 2005; Huppín & Malamuth, 2015; Lyons, 2022).

Sobre a hipótese 1, ao contrário do esperado, os componentes da tríade sombria da personalidade não foram preditores da prática de coerção sexual. Nessa amostra de casais heterossexuais, os componentes da tríade também não demonstraram influência significativa na satisfação do parceiro no relacionamento. Uma das limitações do presente

estudo consistiu na pouca variabilidade da amostra, o que pode comprometer a interpretação dos dados. A maioria dos participantes apresentou altos escores de satisfação e baixos escores de prática de coerção sexual e de tríade sombria da personalidade.

Ao testar a hipótese 2, os resultados indicaram que baixos níveis de satisfação no relacionamento estiveram associados à prática de coerção sexual apenas nos indivíduos do sexo masculino. Para as mulheres, foi observada associação entre os indicadores de coerção sexual sofrida com menores indicadores de satisfação no relacionamento (hipótese 5). Em outras palavras, nessa amostra, homens mais insatisfeitos no relacionamento relataram mais prática de coerção sexual e mulheres que relataram sofrer mais coerção sexual demonstraram mais insatisfação no relacionamento.

Uma importante limitação do Estudo 1 é a baixa quantidade de casais que participaram da pesquisa. Nosso estudo pode não ter tido poder estatístico suficiente para detectar as associações investigadas. Com o objetivo de contornar esse problema, buscamos realizar um segundo estudo, sem a necessidade de participação de casais, de modo a tornar a coleta de dados mais ágil. Outra limitação do presente estudo foi a falta de diversidade sexual. Foram analisados apenas casais em relacionamentos heterossexuais. Em vistas a preencher essa lacuna, um segundo estudo foi conduzido, com o esforço de divulgação para buscar pessoas em relacionamentos hetero e homoafetivos de diferentes orientações sexuais.

## **Estudo 2**

### **Hipóteses e previsões**

Para o Estudo 2, foram estipuladas as seguintes hipóteses e previsões:

**Hipótese 1:** A prática de coerção sexual apresenta aspectos da tríade sombria como preditores.

**Predição 1.1:** A frequência de coerção sexual dos participantes estará associada a maiores indicadores de maquiavelismo;

**Predição 1.2:** A frequência de coerção sexual dos participantes estará associada a maiores indicadores de narcisismo;

**Predição 1.3:** A frequência de coerção sexual dos participantes estará associada a maiores indicadores de psicopatia subclínica;

**Hipótese 2:** A prática de coerção sexual apresenta baixo nível de satisfação no relacionamento como preditor.

**Predição 2.1:** A frequência de coerção sexual sofrida pelos participantes estará inversamente associada aos níveis de satisfação no relacionamento.

**Hipótese 3:** A coerção sexual apresenta diferentes preditores para indivíduos do sexo masculino e feminino, independentemente da orientação sexual.

**Predição 3.1:** traços de narcisismo da participante do sexo feminino predizem sua prática de coerção sexual;

**Predição 3.2:** traços de maquiavelismo do participante do sexo masculino predizem sua prática de coerção sexual;

**Predição 3.3:** Indivíduos do sexo masculino apresentam mais frequência de prática de coerção sexual do que indivíduos do sexo feminino.

**Hipótese 4:** A satisfação no relacionamento estará associada à ser vítima de coerção sexual.

**Predição 4.1:** participantes com maiores níveis de coerção sexual sofrida apresentarão níveis menores de satisfação no relacionamento.



## **Método Estudo 2**

### **Participantes**

A amostra foi composta por 847 indivíduos, com idade média de 27,53 anos (DP = 5,91), variando entre 18 a 63 anos, dos quais 747 mulheres, 100 homens, 514 heterossexuais, 67 homossexuais e 266 bissexuais. Ou seja, 11,8% da amostra foi composta por homens (N = 100), dos quais 59 se identificaram com a orientação heterossexual, 29, homossexual e 12, bissexual. A média de idade deles foi de 28,91 anos (DP = 6,95) e renda familiar de R\$11.841 (DP = 12.876). Ademais, 88,2% da amostra foi composta por mulheres (N = 747), das quais 455 se identificarem com a orientação heterossexual, 38, homossexual e 254, bissexual. A média de idade delas foi de 27,35 anos (DP = 5,74) e renda familiar de R\$8,629 (DP = 8,13).

### **Instrumentos**

A bateria de instrumentos utilizados foi a mesma do Estudo 1, conforme relatado a seguir:

- 1) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A);**
- 2) Questionário socioeconômico (Apêndice B);**
- 3) Escala do Amor (Apêndice C):** O alfa de Cronbach da escala no Estudo 2 foi de 0,847.
- 4) Dark Triad Dirty Dozen – DTDD (Apêndice D):** O alfa de Cronbach da escala no Estudo 2 foi de 0,753 para Maquiavelismo, 0,613 para Psicopatia e Narcisismo 0,787.
- 5) Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos – SCIRS (Apêndices E, F, G e H):** O alfa de Cronbach da escala no Estudo 2 foi de 0,751 para Coerção sofrida e 0,831 para Coerção praticada.

Nesse estudo, houve um esforço de divulgação para que a coleta incluísse também indivíduos em relacionamentos homoafetivos e de outras orientações sexuais. A

adaptação dos itens da SCIRS levou em consideração o gênero dos respondentes, resultando em 4 versões (Apêndices E, F, G e H).

### **Procedimento**

Os participantes foram recrutados por meio de convite divulgado em redes sociais para pessoas de diferentes orientações sexuais em um relacionamento afetivo há pelo menos 1 ano. Os dados foram coletados a partir de formulário online e de forma assíncrona, de dezembro de 2022 a fevereiro de 2023.

### **Análise de dados**

De modo a testar o poder preditivo dos indicadores de aspectos da tríade sombria da personalidade (hipótese 1) e da satisfação no relacionamento (hipótese 2) nos níveis de coerção sexual relatados pelo(a) participante, regressões hierárquicas foram conduzidas (método Enter), tendo os fatores da tríade sombria (narcisismo, psicopatia e maquiavelismo) do participante e seus níveis relatados de satisfação no relacionamento como variáveis preditoras no modelo de regressão.

Para a testagem da predição 3.1, foram selecionados apenas participantes do sexo feminino e em seguida uma nova regressão hierárquica foi conduzida com os fatores da tríade sombria como variáveis preditoras. O mesmo foi feito, após selecionar os participantes do sexo masculino, para a testagem da predição 3.2. Uma ANCOVA foi conduzida para a testagem da predição 3.3, de que indivíduos do sexo masculino praticariam mais coerção sexual que do sexo feminino, independentemente da orientação sexual. Por fim, foram conduzidas correlações com os níveis de coerção sexual sofrida pelos participantes e os indicadores de satisfação no relacionamento para a testagem da hipótese 4.

## **Resultados Estudo 2**

### **Tabela 5**

*Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual*

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,026	0,023***
Constante	-0,015	-0,031	0,001	0,008			
Maquiavelismo	0,004	-0,003	0,012	0,004	0,048		
Narcisismo	0,008**	0,003	0,014	0,003	0,118**		
Psicopatia	0,004	-0,004	0,011	0,004	0,037		
Modelo 2 – Coerção praticada						0,052	0,048***
Constante	0,099***	0,050	0,148	0,025			
Maquiavelismo	0,005	-0,003	0,012	0,004	0,050		
Narcisismo	0,008**	0,003	0,013	0,003	0,111**		
Psicopatia	-2,756E-5	-0,008	0,007	0,004	0,000		
Satisfação	-0,023**	-0,032	-0,014	0,005	-0,166**		

Nota. CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$   
 \*\*\*  $p < 0,001$ .

A Tabela 5 apresenta o resumo da regressão hierárquica predizendo a prática de coerção sexual. No modelo 1, que incluiu os subcomponentes da tríade sombria, o narcisismo foi a única faceta da tríade com poder preditivo positivamente associado à prática de coerção sexual. No modelo 2, que incluiu como previsor a satisfação no relacionamento, o narcisismo foi um preditor significativo, enquanto a satisfação foi preditor negativo da prática de coerção.

#### Tabela 6

Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual de participantes do sexo feminino

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	R <sup>2</sup>	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,034	0,030***

Constante	-0,019*	-0,035	-0,003	0,008		
Maquiavelismo	0,000	-0,007	0,008	0,004	0,003	
Narcisismo	0,010***	0,005	0,016	0,003	0,156***	
Psicopatia	0,006	-0,001	0,014	0,004	0,064	
<hr/>						
Modelo 2 – Coerção praticada						0,045 0,039***
Constante	0,050*	0,000	0,099	0,025		
Maquiavelismo	0,001	-0,007	0,008	0,004	0,007	
Narcisismo	0,010***	0,005	0,015	0,003	0,152***	
Psicopatia	0,004	-0,004	0,012	0,004	0,037	
Satisfação	-0,014**	-0,023	-0,004	0,005	-0,107**	

Nota. CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < .05$ . \*\*\*  $p < .001$ .

A Tabela 6 apresenta o resumo da regressão hierárquica predizendo a prática de coerção sexual apenas dos participantes do sexo feminino. O modelo 1, que utilizou os componentes da tríade sombria da personalidade como preditores, foi significativo, com o narcisismo como preditor positivamente associado à prática de coerção. O modelo 2 inseriu a satisfação no relacionamento e também foi significativo, com menores níveis de satisfação associados a mais prática de coerção sexual pelas mulheres.

#### Tabela 7

Resultado das Regressões hierárquicas predizendo a prática de coerção sexual do sexo masculino

Variável	B	95% IC B		EP B	$\beta$	$R^2$	$\Delta R^2$
		LI	LS				
Modelo 1 – Coerção praticada						0,048	0,018
Constante	0,004	-0,055	0,064	0,030	0,246		
Maquiavelismo	0,031*	0,001	0,060	0,015	-0,021		
Narcisismo	-0,002	-0,021	0,017	0,010	-0,108		

Psicopatia	-0,012	-0,037	0,012	0,012	
<hr/>					
Modelo 2 – Coerção praticada					0,241 0,209***
Constante	0,433***	0,252	0,613	0,091	
Maquiavelismo	0,023	-0,003	0,049	0,013	0,183
Narcisismo	-0,006	-0,024	0,011	0,009	-0,072
Psicopatia	-0,015	-0,037	0,007	0,011	-0,132
Satisfação	-0,087***	-0,122	-0,052	0,018	-0,453***

*Nota.* CI = intervalo de confiança; LI = limite inferior; LS = limite superior; \*  $p < 0,05$ . \*\*  $p < 0,01$   
\*\*\*  $p < 0,001$ .

A regressão hierárquica envolvendo apenas participantes do sexo masculino, teve como os componentes da tríade sombria da personalidade, conforme demonstrado na Tabela 7. Embora o Maquiavelismo tenha apresentado associação significativa com a prática de coerção sexual, o Modelo 1 não foi significativamente explicativo da prática de coerção sexual. Já o Modelo 2, que inseriu a satisfação no relacionamento, foi significativo, com menores indicadores de satisfação no relacionamento associados a maiores indicadores de prática de coerção sexual pelos homens.

Ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças significativas na coerção sexual praticada por homens e mulheres na análise feita por meio da ANCOVA ( $F = 1,421$   $p = 0,234$ ;  $\eta^2$  parcial = 0,002;  $\beta = 0,222$ ). Ao testar a hipótese 4, por meio da correlação de Pearson, houve correlação significativa entre os indicadores de coerção sofrida com os níveis de satisfação dos participantes ( $r = -0,337$ ,  $p = 0,001$ ).

### **Discussão do Estudo 2**

No Estudo 2, os resultados confirmaram as previsões de que altos níveis de narcisismo e baixo nível de satisfação no relacionamento seriam preditores da prática de coerção sexual. Ainda, foi confirmado que a satisfação no relacionamento estaria inversamente associada à ser vítima de coerção sexual. Por outro lado, não foi confirmada

a hipótese de que indivíduos do sexo masculino apresentariam mais frequência de prática de coerção sexual do que indivíduos do sexo feminino. Exceto pelo narcisismo, os outros componentes da tríade sombria não mostraram associação significativa com a prática de coerção sexual.

Relações íntimas bem-sucedidas tendem a ser caracterizadas por alta intimidade, paixão e comprometimento (Ali & Chamorro-Premuzic, 2010). Tais componentes podem estar em falta em relacionamentos cujos indivíduos apresentam níveis mais altos de traços da personalidade que determinam falta de afeto interpessoal e tendência à exploração e manipulação. Estudos indicam que a tríade sombria da personalidade composta pelo maquiavelismo, narcisismo e psicopatia subclínica apresentam correlação negativa com indicadores de compaixão e empatia afetiva (Kaufman et al. 2019).

Nesse estudo, em relação à tríade sombria da personalidade, participantes do sexo feminino apresentaram como preditores de coerção sexual o narcisismo. Tais resultados provêm suporte empírico para a aplicação da teoria de reatância do narcisismo (Baumeister et al., 2002) em mulheres. Assim como apontado por Baumeister (2002) sobre homens agressores, estudos apontam que mulheres com características narcisistas da personalidade também são propensas a reagir com táticas sexualmente coercitivas, quando rejeitadas de uma investida sexual (Blinkhorn et al., 2015; Lyons et al., 2020).

Lyons et al. (2020) encontraram resultados semelhantes sobre o narcisismo predizendo a prática de coerção sexual em mulheres. Por meio da investigação da relação entre indicadores de coerção sexual, tríade sombria da personalidade e assertividade sexual, os autores apontam que tal uso de coerção pelas mulheres pode refletir a tendência em se engajar em atividades sexuais para preencher a necessidade de auto-afirmação, característica central do narcisismo. No estudo de Blinkhorn et al. (2015), que mensurou indicadores de narcisismo e de táticas de coerção sexual em estudantes universitários, a

coerção sexual em homens foi mais relacionada a aspectos desejados no narcisismo (como abertura/grandiosidade), enquanto nas mulheres, as estratégias estiveram associadas a componentes tóxicos do construto, que envolvem a exploração de outros indivíduos.

Outra predição confirmada no presente estudo, foi que participantes do sexo masculino apresentaram como preditor de coerção sexual a baixa satisfação no relacionamento. Ainda sobre os participantes do sexo masculino, embora o modelo que incluiu os componentes da tríade sombria como preditor de coerção sexual não tenha sido significativo, foi observada associação positiva do maquiavelismo com a prática de coerção sexual. Isso vai de acordo com o estudo de McHoskey (2001), que aponta que o maquiavelismo é manifestado de forma diferente entre homens e mulheres, no que tange à sexualidade. Nesse estudo, os participantes do sexo masculino com maiores níveis de maquiavelismo apresentaram maiores medidas de hostilidade sexual, sociossexualidade, infidelidade e na propensão a intoxicar um parceiro para obter sexo. Tal efeito não foi observado nas mulheres do estudo (McHoskey, 2001).

O presente estudo também confirmou a relação inversamente proporcional da frequência de coerção sexual sofrida com os níveis de satisfação no relacionamento dos participantes. No estudo de Lopes et al. (2018), que validou para o contexto brasileiro a Sexual Coercion in Intimate Relationships Scale (SCIRS), os resultados não indicaram correlação significativa entre a coerção sexual praticada pelo homem e a satisfação no relacionamento relatada pela sua parceira, ao contrário do mesmo estudo realizado com amostra norte-americana. Vale salientar que no estudo de Lopes et al. (2018), não foi utilizada uma escala validada para mensurar o nível de satisfação, como no presente estudo, mas algumas perguntas sobre o relacionamento.

Por fim, ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças significativas na média de coerção sexual praticada por homens e mulheres. Uma limitação do presente estudo, assim como do Estudo 1, consiste na pouca variabilidade nos indicadores de prática de coerção sexual, tríade sombria da personalidade e satisfação no relacionamento.

Por outro lado, por meio deste estudo, foi possível alcançar uma amostra maior e mais diversificada do que a do Estudo 1. Na literatura sobre violência sexual, Brewer e Abell (2015) sugeriram a investigação de homens e mulheres como perpetradores e vítimas de coerção sexual, já que embora os homens apresentem, em média, mais comportamentos sexualmente coercitivos do que mulheres, o padrão oposto também acontece e as condições de sua ocorrência ainda demandam estudos. Os autores apontaram também a necessidade de recrutar uma amostra mais diversa em termos de orientação sexual, já que as pesquisas indicam diferenças entre relacionamentos heterossexuais e não-heterossexuais. Desse modo, o presente estudo trouxe como novidade a investigação da prática e submissão da coerção sexual tanto por pessoas do sexo masculino quanto feminino, além da inclusão de participantes não-heterossexuais com o intuito de preencher tal lacuna na literatura.

### **Discussão geral**

Tendo em conta que a satisfação no relacionamento envolve uma análise de custos e benefícios (Rebello et al., 2014), é esperado que a percepção de táticas que infligem custos, como a coerção sexual, esteja relacionada a menores níveis de satisfação. Em ambos os estudos da presente dissertação, ser submetido a coerção sexual esteve associado a menores níveis de satisfação no relacionamento (exceto com os homens do Estudo 1).



A Tabela II do Apêndice I apresenta um resumo das predições estipuladas e os respectivos resultados dos Estudos 1 e 2. Por meio dessa análise, foi visto que o Estudo 1 contou com 13 predições, das quais apenas 3 foram confirmadas, quais sejam: homens menos satisfeitos no relacionamento relataram maior frequência de prática de coerção sexual; mulheres que relataram sofrer mais coerção sexual também relataram menos satisfação no relacionamento; e, em média, a frequência de prática de coerção sexual de participantes do sexo masculino foi maior do que a do sexo feminino.

O Estudo 1, composto por 55 casais heterossexuais, não identificou efeito da tríade sombria da personalidade na prática de coerção sexual nem na satisfação no relacionamento das mulheres da amostra. Com os participantes do sexo masculino, também não foi observado efeito da tríade sombria na prática de coerção sexual.

Foi observado que o Estudo 1 apresentou um grande número de previsões não confirmadas. Como mencionado anteriormente, uma importante limitação foi a baixa quantidade de casais ( $N = 55$ ) que participaram da pesquisa, o que pode ter impossibilitado um poder estatístico suficiente para detectar as associações investigadas.

Já o Estudo 2, com 847 indivíduos, contou com 10 previsões, das quais 7 foram confirmadas, conforme apresentado na Tabela II do Apêndice I. Os resultados apontaram a baixa satisfação no relacionamento como preditor da prática de coerção sexual. Nas mulheres, indicadores mais altos de narcisismo também foram previsores de tais táticas. Com os participantes do sexo masculino, os coeficientes indicaram associação significativa do maquiavelismo com a prática de coerção sexual, embora tal previsor não constitua um modelo significativo na explicação da prática de coerção sexual.

Uma observação digna de nota é que, ao contrário do esperado, indicadores de psicopatia subclínica não demonstraram efeito na prática de coerção sexual do participante. Nesse sentido, é visto que muitos dos estudos que investigam os

comportamentos de indivíduos com traços de psicopatia envolvem agressão sexual, ou seja, estupro (Carton et al., 2016; Jonason et al., 2017; Pavlović et al., 2019), e não coerção sexual. Hoffman et al. (2021) examinou a relação entre traços de psicopatia e a perpetuação de coerção sexual em relacionamentos amorosos numa amostra de homens e mulheres adultos com antecedentes criminais ou histórico de abuso de substâncias químicas. Os resultados indicaram que traços de psicopatia não demonstraram associação significativa com atos de coerção sexual. Os autores sugerem que táticas envolvendo manipulação exclusivamente verbal podem exigir maior charme, manipulação e domínio de relacionamentos interpessoais, que estão mais presentes no narcisismo e maquiavelismo, enquanto táticas que usam força física ou ameaças diretas podem ser uma manifestação de tendências antissociais mais generalizadas, que consistem na característica central da psicopatia.

No Estudo 1, os homens apresentaram em média maior prática de coerção sexual do que as mulheres. Já no Estudo 2, ao contrário do esperado, não foram encontradas diferenças significativas na coerção sexual praticada por homens e mulheres. Vale salientar que, no Estudo 1, foram feitas análises apenas de casais heterossexuais, enquanto o Estudo 2 contou com 847 indivíduos, dos quais 514 relataram identificação com a orientação heterossexual, 67, homossexual e 266, bissexual.

Uma limitação do presente estudo é que apesar das características subclínicas da tríade sombria personalidade ocorrerem em toda a população geral, nessa amostra houve pouca variabilidade em termos de prática de coerção sexual e componentes da tríade sombria da personalidade. A amostra pode ter apresentado tal viés por selecionar pessoas com características pró-sociais, que aceitaram participar de pesquisa voluntariamente, envolvendo o custo de agendar um horário compatível com o parceiro para a coleta de dados no Estudo 1, sem nenhum retorno financeiro ou certificado de participação.

Ademais, foram utilizadas escalas de autorrelato, que podem ser suscetíveis a respostas inacuradas, já que a deseabilidade social pode interferir na propensão a admitir comportamento coercitivo ou moralmente indesejado.

Embora o presente estudo tenha confirmado parcialmente hipóteses ancoradas no escopo teórico sobre a coerção sexual, de forma geral, as variáveis estudadas (tríade sombria da personalidade e satisfação no relacionamento) apresentaram pouco efeito preditor da prática de coerção sexual, sendo mais evidentes no Estudo 2. Isso significa que, embora apresentem potencial para predizer tais táticas indesejadas, é possível inferir que existem outras variáveis contribuindo com a ocorrência da coerção sexual. Estilos de apego adulto são possíveis preditores da coerção sexual que têm sido investigados na literatura (Barbaro et al., 2019). Outros preditores são as táticas de retenção de parceiros (Lopes et al., 2021). É visto que a manifestação da empatia tem se relacionado a casamentos considerados satisfatórios, uma vez que possibilita diluir a raiva no contexto de relacionamentos afetivos de modo mais adequado, provendo maior qualidade na interação entre os parceiros (Zuchetto, 2018). Dessa maneira, sugere-se a investigação do apego adulto, táticas de retenção de parceiro e da empatia como uma variável que pode estar associada ao comportamento de coerção sexual, já que manifesta influência tanto na satisfação no relacionamento, quanto na manifestação dos componentes da tríade sombria da personalidade, cujos alicerces consistem na falta de empatia e sensibilidade. É possível também que escalas mais detalhadas como a Short Dark Triad com 27 itens sejam mais sensíveis que a DTDD com apenas 12. O presente estudo também não avaliou a hipótese de suspeita de infidelidade associada à prática de coerção sexual num relacionamento de longo prazo (Goetz e Shackelford, 2006), o que poderia ser colocado em prática em estudos futuros mensurando a prática de retenção de parceiros e a suspeita de infidelidade.

Ao fim, sugere-se que as pesquisas futuras possam recrutar um maior número de participantes homossexuais.

### Referências

- Ali, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). The dark side of love and life satisfaction: Associations with intimate relationships, psychopathy and Machiavellianism. *Personality and individual differences*, 48(2), 228-233. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.10.016>
- Almeida, A. L., & Silva Júnior, M. D. (2023). Orgasm as Pair-Bond. Em T. K. Shackelford (Org.), *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior* (p. 1–4). Springer International Publishing. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5\\_53-1](https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5_53-1)
- Barbaro, N., Sela, Y., Atari, M., Shackelford, T. K., & Zeigler-Hill, V. (2019). Romantic attachment and mate retention behavior: The mediating role of perceived risk of partner infidelity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(3), 940–956. <https://doi.org/10.1177/0265407517749330>
- Bode, A., & Kushnick, G. (2021). Proximate and ultimate perspectives on romantic love. *Frontiers in psychology*, 1088. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.694913>
- Brewer, G., & Abell, L. (2015). Machiavellianism in long-term relationships: Competition, mate retention and sexual coercion. *Scandinavian Journal of Psychology*, 56(3), 357-362. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.10.028>
- Carton, H., & Egan, V. (2017). The dark triad and intimate partner violence. *Personality and Individual Differences*, 105, 84-88. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.09.040>

DeGue, S., & DiLillo, D. (2005). Understanding perpetrators of nonphysical sexual coercion: Characteristics of those who cross the line. *Violence and victims*, 19(6), 673-688. <https://doi.org/10.1891/vivi.19.6.673.66345>

DeGue, S., DiLillo, D., & Scalora, M. (2010). Are all perpetrators alike? Comparing risk factors for sexual coercion and aggression. *Sexual Abuse*, 22(4), 402-426. doi: 10.1177/1079063210372140

França, P. S. de, Natividade, J. C., & Lopes, F. de A. (2016). Evidências de Validade da Versão Brasileira da Escala Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ). *Psico-USF*, 21(2), 233–244. <https://doi.org/10.1590/1413-82>

Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Campbell, L., & Overall, N. C. (2015). Pair-bonding, romantic love, and evolution: The curious case of *Homo sapiens*. *Perspectives on Psychological Science*, 10(1), 20-36. <https://doi.org/10.1177/174569161456168>

Goetz, A. T., & Shackelford, T. K. (2006). Sexual coercion and forced in-pair copulation as sperm competition tactics in humans. *Human Nature*, 17, 265-282. <https://doi.org/10.1177/1079063210372140>

Hoffmann, A. M., & Verona, E. (2021). Psychopathic traits and sexual coercion against relationship partners in men and women. *Journal of interpersonal violence*, 36(3-4). <https://doi.org/10.1177/0886260518754873>

Hughes, A., Brewer, G., & Khan, R. (2020). Sexual coercion by women: The influence of pornography and narcissistic and histrionic personality disorder traits. *Archives of sexual behavior*, 49, 885-894. <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01538-4>

Huppin, M., & Malamuth, N. M. (2015). Sexual coercion. In Buss, D. M. (2015). *The Handbook of Evolutionary Psychology, Volume 1: Foundation*, 1, (pp. 462-481). <https://doi.org/10.1002/9780470939376.ch13>

Kanemasa, Y., Miyagawa, Y., & Arai, T. (2022). Do the Dark Triad and psychological intimate partner violence mutually reinforce each other? An examination from a four-wave longitudinal study. *Personality and individual differences*, 196, <https://doi.org/10.1016/j.paid.2022.111714>

Kaufman, S. B., Yaden, D. B., Hyde, E., & Tsukayama, E. (2019). The light vs. dark triad of personality: Contrasting two very different profiles of human nature. *Frontiers in psychology*, 467. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.00467>

Janicke, T., Häderer, I. K., Lajeunesse, M. J., & Anthes, N. (2016). Darwinian sex roles confirmed across the animal kingdom. *Science advances*, 2(2), e1500983.

Jonason, P. K., Girgis, M., & Milne-Home, J. (2017). The exploitive mating strategy of the Dark Triad traits: Tests of rape-enabling attitudes. *Archives of Sexual Behavior*, 46(3), 697–706. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-0937-1>

Lopes, G. S., Holanda, L. C., DeLecce, T., Holub, A. M., & Shackelford, T. K. (2021). Sexual coercion, mate retention, and relationship satisfaction in Brazilian and American romantic relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(13-14), 6647-6669. <https://doi.org/10.1177/0886260518821458>

Lyons, M., Houghton, E., Brewer, G., & O'Brien, F. (2022). The dark triad and sexual assertiveness predict sexual coercion differently in men and women. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(7-8). <https://doi.org/10.1177/0886260520922346>

Mitchell, J. E., & Raghavan, C. (2021). The impact of coercive control on use of specific sexual coercion tactics. *Violence against women*, 27(2), 187-206. <https://doi.org/10.1177/1077801219884127>

McConaghy, N., & Zamir, R. (1995). Heterosexual and homosexual coercion, sexual orientation and sexual roles in medical students. *Archives of Sexual Behavior*, 24, 489-502. <https://doi.org/10.1007/BF01541830>

- McHoskey, J. W. (2001). Machiavellianism and sexuality: On the moderating role of biological sex. *Personality and individual differences*, 31(5), 779-789. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00180-X](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00180-X)
- Mogilski, J. K. (2021). Parental investment theory. In T. K. Shackelford (Ed.), *The SAGE handbook of evolutionary psychology: Foundations of evolutionary psychology* (pp. 137–154). SAGE Publications Ltd. <https://doi.org/10.4135/9781529739442>
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36(6), 556-563. [https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(02\)00505-6](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(02)00505-6)
- Pavlović, T., Markotić, A., & Bartolin, A. (2019). Dark triad and estimated probability of sexual coercion. *Personality and Individual Differences*, 151, Article 109527. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.109527>
- Pugh, B., & Becker, P. (2018). Exploring definitions and prevalence of verbal sexual coercion and its relationship to consent to unwanted sex: Implications for affirmative consent standards on college campuses. *Behavioral sciences*, 8(8), 69. <https://doi.org/10.3390/bs8080069>
- Rebello, K., Junior, M. D. S., & Brito, R. C. S. (2014). Fundamental factors in marital satisfaction: An assessment of Brazilian couples. *Psychology*, 2014. <https://doi.org/10.4236/psych.2014.57088>
- Shackelford, T. K., & Buss, D. M. (2000). Marital satisfaction and spousal cost-infliction. *Personality and Individual Differences*, 28(5), 917-928. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(99\)00150-6](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(99)00150-6)

- Silva Júnior, M. (2023). Evolved Psychological Mechanisms. Em T. K. Shackelford (Org.), *Encyclopedia of Sexual Psychology and Behavior* (p. 1–16). Springer International Publishing. [https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5\\_217-1](https://doi.org/10.1007/978-3-031-08956-5_217-1)
- Trivers, R. L. (1972). Parental Investment and Sexual Selection. In B. Campbell (Ed.), *Sexual Selection and the Descent of Man, 1871-1971* (pp. 136-179).
- Varella, M. A. C., Santos, I. dos, Ferreira, J. H. B. P., & Vera Silvia Bussab. (2013). Misunderstandings in Applying Evolution to Human Mind and Behavior and its Causes: A Systematic Review. *EvoS Journal: The Journal of the Evolutionary Studies Consortium*, 5, 81–107.
- Winegard, B. M., Winegard, B. M., & Deaner, R. O. (2014). Misrepresentations of Evolutionary Psychology in Sex and Gender Textbooks. *Evolutionary Psychology*, 12(3), 147470491401200. <https://doi.org/10.1177/147470491401200301>
- Zuchetto, S. R. (2018). *Tríade sombria da personalidade e estilos de amor: efeito mediador da empatia*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Campinas.



## **Apêndices**

### **Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Avaliação da Satisfação nos Relacionamentos amorosos de casais homossexuais e heterossexuais”, de responsabilidade do pesquisador Mauro Dias Silva Júnior, professor do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar os níveis de satisfação amorosa e sexual, com base nos estilos de vinculação amorosa, níveis de personalidade e níveis de ciúmes de cada membro do casal, em casais heterossexuais e homossexuais. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como os questionários permanecerão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de questionários. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco direto, de todo modo, caso o pesquisador ou o participante sinta a necessidade de encaminhar o/a participante para um atendimento mais individualizado, o pesquisador passará todos os contatos necessários.

Espera-se com esta pesquisa contribuir para a compressão acerca das relações que são desenvolvidas dentro de relacionamentos amorosos, produzir conteúdo que corroborem oficinas e palestras para indivíduos inseridos em relacionamentos amorosos, material para embasar políticas públicas direcionados para indivíduos inseridos em relacionamentos, considerados satisfatórios ou não.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar os pesquisadores responsáveis: Mauro Dias Silva Júnior, através do telefone 61 – 3107.6838 ou pelo e-mail juniormsilva@unb.br;

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio virtual, e-mail, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica.

**Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep\_chs@unb.br.**

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

---

Assinatura do/da participante Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

## Apêndice B: Questionário socioeconômico

### 1. Responsável pelo preenchimento

- Homem
- Mulher

### 2. Como você se identifica (sua orientação sexual):

- Heterossexual
- Bissexual
- Homossexual

### 3. Qual a sua idade?

### 4. Escolaridade

- Nunca fui à escola
- Até a quarta série
- Quinta à oitava série
- Segundo grau incompleto
- Segundo grau completo
- Curso técnico completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós graduação incompleta
- Pós graduação completa

### 5. Você está empregado(a) (estágio remunerado vale como emprego):

- Sim
- Não

### 6. Renda pessoal (valor líquido):

### 7. Renda familiar (valor líquido):

**Este questionário contém algumas perguntas simples sobre casamento/relacionamentos amorosos. Por favor, responda todas elas, mesmo que você sinta que algumas delas são muito pessoais. Não serão pedidos nomes, e suas respostas serão tratadas de forma estritamente confidencial. Não consulte seu cônjuge para responder as perguntas.**

**Muitas das perguntas possuem várias possibilidades de respostas. Responda o questionário marcando cada resposta que você escolheu.**

**Não existem respostas certas ou erradas. Não gaste muito tempo em cada questão – é sua primeira impressão que importa.**

**Lembre-se:**

- **Suas respostas são confidenciais.**
- **Responda de acordo com sua primeira impressão.**
- **Escolha a resposta que mais se aproxima da sua opinião.**
- **Marque a opção mais próxima a sua resposta.**
- **Não existe resposta certa ou errada.**
- **Caso você não saiba a resposta para alguma pergunta, por favor, responder a pergunta com: 99**

**8. Qual o status do seu relacionamento:**

- Solteiro(a)
- Namorando
- Casado(a)

**9. Há quanto tempo você está nesse relacionamento atual (anos e meses):**

**10. Seu relacionamento é aberto (relação romântica em que os parceiros envolvidos concordam com uma forma de não-monogamia):**

- Sim
- Não

**11. Você já pensou em se separar do(a) seu(sua) parceiro(a):**

- Nunca
- Uma ou duas vezes
- Algumas vezes
- Frequentemente
- Sempre

**12. Você estaria em uma posição difícil se você se divorciasse/terminasse agora:**

- Muito
- Bastante
- Moderadamente
- Não muito
- Não



### Apêndice C: Escala do Amor

Por favor, leia as perguntas abaixo e responda de acordo de acordo com a escala de intensidade ao lado. Observe que 1 significa “*Nem um pouco*” e 5 significa “*Muito*”.

Considere seu relacionamento atual para responder.

*Nem um pouco* - 1 2 3 4 5 - *Muito*

Você gosta da companhia de seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você é feliz com o seu relacionamento? 1 2 3 4 5

Você acha seu/sua parceiro/a atraente? 1 2 3 4 5

Vocês gostam de fazer coisas juntas? 1 2 3 4 5

Você gosta de ficar abraçado/a com seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você respeita seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Você se orgulha de seu/sua parceiro/a? 1 2 3 4 5

Seu relacionamento tem um lado romântico? 1 2 3 4 5

Quanto você ama seu/sua parceiro/a 1 2 3 4 5

**Apêndice D: *Dark Triad Dirty Dozen - DTDD***

Por favor, responda aos itens seguintes com sinceridade, indicando um número que representa o seu nível de concordância com cada sentença, de acordo com a legenda abaixo. 1 = *Discordo totalmente*. 2 = *Discordo*. 3 = *Nem discordo nem concordo*. 4 = *Concordo*. 5 = *Concordo totalmente*.

*Discordo Neutro Concordo totalmente*

Eu exploro os outros em benefício próprio. 1 2 3 4 5

Eu engano ou minto para obter o que quero. 1 2 3 4 5

Eu bajulo pessoas para conseguir o que quero. 1 2 3 4 5

Eu manipulo os outros para conseguir o que quero. 1 2 3 4 5

Eu quero que os outros me admirem. 1 2 3 4 5

Eu quero atenção dos outros. 1 2 3 4 5

Eu busco prestígio ou *status*. 1 2 3 4 5

Eu espero favores especiais dos outros. 1 2 3 4 5

Eu sou insensível ou indiferente. 1 2 3 4 5

Eu sinto falta de remorso. 1 2 3 4 5

Eu não me preocupo com a moralidade de minhas ações. 1 2 3 4 5

Eu sou cínico. 1 2 3 4 5



## Apêndice E

### ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

**Versão:** sexo masculino, orientação heterossexual.

**Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca 0**

**1 vez 1**

**2 vezes 2**

**3 a 5 vezes 3**

**6 a 10 vezes 4**

**11 ou mais 5**

**01.** Eu dei a entender que minha parceira estava me traindo com a intenção de fazê-la ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**02.** Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**03.** Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**04.** Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com minha parceira enquanto ela estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dela. *1 2 3 4 5*

**05.** Eu dei a entender que pararia de ajudar a minha parceira com coisas que ela depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ela não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**06.** Eu disse à minha parceira que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-la sentir que deveria ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**07.** Eu dei a entender que era obrigação ou dever da minha parceira fazer sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**08.** Eu dei a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, minha parceira fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**09.** Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outra mulher se minha parceira não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

- 01.** Minha parceira deu a entender que eu estava traindo ela com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*
- 02.** Minha parceira me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*
- 03.** Minha parceira me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*
- 04.** Minha parceira tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. *1 2 3 4 5*
- 05.** Minha parceira deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dela (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*
- 06.** Minha parceira me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*
- 07.** Minha parceira deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ela. *1 2 3 4 5*
- 08.** Minha parceira deu a entender que outros homens estavam interessados em ter um relacionamento afetivo com ela para que, assim, eu fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*
- 09.** Minha parceira deu a entender que ela teria relações sexuais com outro homem se eu não fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*

## Apêndice F

### ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

**Versão:** sexo feminino, orientação heterossexual.

**Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

- 01.** Meu parceiro deu a entender que eu estava traindo ele com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5
- 02.** Meu parceiro me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5
- 03.** Meu parceiro me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5
- 04.** Meu parceiro tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. 1 2 3 4 5
- 05.** Meu parceiro deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dele (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5
- 06.** Meu parceiro me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ele. 1 2 3 4 5
- 07.** Meu parceiro deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ele. 1 2 3 4 5

- 08.** Meu parceiro deu a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ele para que, assim, eu fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5
- 09.** Meu parceiro deu a entender que ele teria relações sexuais com outra mulher se eu não fizesse sexo com ele. 1 2 3 4 5

**Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

- 01.** Eu dei a entender que meu parceiro estava me traindo com a intenção de fazê-lo ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5
- 02.** Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5
- 03.** Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5

Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com meu parceiro enquanto ele estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dele. 1 2 3 4 5

- 04.** Eu dei a entender que pararia de ajudar o meu parceiro com coisas que ele depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ele não fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

- 05.** Eu disse ao meu parceiro que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-lo sentir que deveria ter relações sexuais comigo. 1 2 3 4 5
- 06.** Eu dei a entender que era obrigação ou dever do meu parceiro fazer sexo comigo. 1 2 3 4 5
- 07.** Eu dei a entender que outros homens estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, meu parceiro fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5
- 08.** Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outro homem se meu parceiro não fizesse sexo comigo. 1 2 3 4 5

## Apêndice G

### ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

**Versão:** sexo masculino, orientação homossexual.

**Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

**01.** Eu dei a entender que meu parceiro estava me traindo com a intenção de fazê-lo ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**02.** Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**03.** Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) ao meu parceiro para que ele se sentisse obrigado a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**04.** Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com meu parceiro enquanto ele estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dele. *1 2 3 4 5*

**05.** Eu dei a entender que pararia de ajudar o meu parceiro com coisas que ele depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ele não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**06.** Eu disse ao meu parceiro que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-lo sentir que deveria ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**07.** Eu dei a entender que era obrigação ou dever do meu parceiro fazer sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**08.** Eu dei a entender que outros homens estavam interessados em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, meu parceiro fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**09.** Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outro homem se meu parceiro não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

**01.** Meu parceiro deu a entender que eu estava traindo ele com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ele. *1 2 3 4 5*

**02.** Meu parceiro me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ele. *1 2 3 4 5*

**03.** Meu parceiro me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigado a ter relações sexuais com ele. *1 2 3 4 5*

**04.** Meu parceiro tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbado ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. *1 2 3 4 5*

**05.** Meu parceiro deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dele (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ele. *1 2 3 4 5*

**06.** Meu parceiro me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ele. *1 2 3 4 5*

- 07.** Meu parceiro deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ele. *1 2 3 4 5*
- 08.** Meu parceiro deu a entender que outros homens estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ele para que, assim, eu fizesse sexo com ele. *1 2 3 4 5*
- 09.** Meu parceiro deu a entender que ele teria relações sexuais com outro homem se eu não fizesse sexo com ele. *1 2 3 4 5*



## Apêndice H

### ECSRA Escala de Coerção Sexual em Relacionamentos Amorosos

**Versão:** sexo feminino, orientação homossexual

**Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

**01.** Minha parceira deu a entender que eu estava traindo ela com a intenção de me fazer ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*

**02.** Minha parceira me deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*

**03.** Minha parceira me lembrou que deu presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) para que eu me sentisse obrigada a ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*

**04.** Minha parceira tomou a iniciativa de ter relações sexuais comigo enquanto eu estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuou fazendo contra a minha vontade. *1 2 3 4 5*

**05.** Minha parceira deu a entender que pararia de me ajudar com coisas que eu dependo dela (p.ex., ajuda financeira) se eu não fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*

**06.** Minha parceira me disse que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de me fazer sentir que deveria ter relações sexuais com ela. *1 2 3 4 5*

**07.** Minha parceira deu a entender que era minha obrigação ou meu dever fazer sexo com ela. *1 2 3 4 5*

**08.** Minha parceira deu a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo com ela para que, assim, eu fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*

**09.** Minha parceira deu a entender que ela teria relações sexuais com outra mulher se eu não fizesse sexo com ela. *1 2 3 4 5*

**Atenção, essa é uma seção diferente da anterior. Será a última da pesquisa. Por favor, indique com que frequência, no último mês, esses atos ocorreram em seu relacionamento amoroso. Para tanto, considere a escala de respostas abaixo.**

**Nunca: 0**

**1 vez: 1**

**2 vezes: 2**

**3 a 5 vezes: 3**

**6 a 10 vezes: 4**

**11 ou mais: 5**

**01.** Eu dei a entender que minha parceira estava me traindo com a intenção de fazê-la ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**02.** Eu dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**03.** Eu lembrei que dei presentes ou outros benefícios (p.ex., dinheiro, carona) à minha parceira para que ela se sentisse obrigada a ter relações sexuais comigo. *1 2 3 4 5*

**04.** Eu tomei a iniciativa de ter relações sexuais com minha parceira enquanto ela estava inconsciente (p.ex. dormindo, bêbada ou sob medicação), e continuei fazendo contra a vontade dela. *1 2 3 4 5*

**05.** Eu dei a entender que pararia de ajudar a minha parceira com coisas que ela depende de mim (p.ex., ajuda financeira) se ela não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**06.** Eu disse à minha parceira que outros casais têm mais relações sexuais do que nós, com a intenção de fazê-la sentir que deveria ter relações sexuais comigo.

**07.** Eu dei a entender que era obrigação ou dever da minha parceira fazer sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**08.** Eu dei a entender que outras mulheres estavam interessadas em ter um relacionamento afetivo comigo para que, assim, minha parceira fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

**09.** Eu dei a entender que eu teria relações sexuais com outra mulher se minha parceira não fizesse sexo comigo. *1 2 3 4 5*

## Apêndice I:

**Tabela II** *Predições dos Estudos 1 e 2*

<b>Predições</b>	<b>Estudo 1</b>	<b>Estudo 2</b>
<b>Predição 1.1:</b> maiores níveis de características de maquiavelismo do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a)	Não confirmada	Confirmada
<b>Predição 1.2:</b> maiores níveis de características de narcisismo do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a)	Não confirmada	Não confirmada
<b>Predição 1.3:</b> maiores níveis de características de psicopatia subclínica do(a) participante estarão relacionados a maiores níveis de prática de coerção sexual relatada por ele(a)	Não confirmada	Não confirmada
<b>Predição 2.1:</b> Maiores níveis de satisfação no relacionamento estarão associados a menores níveis de coerção sexual praticada pelo participante do sexo masculino	Confirmada	Confirmada
<b>Predição 2.2:</b> Maiores níveis de satisfação no relacionamento estarão associados a menores níveis de coerção sexual praticada pelo participante do sexo feminino	Não confirmada	Confirmada
<b>Predição 3.1:</b> traços de narcisismo do indivíduo do sexo feminino atuam como preditores de sua prática de coerção sexual	Não confirmada	Confirmada
<b>Predição 3.2:</b> traços de maquiavelismo do indivíduo do sexo masculino atuam como preditores de sua prática de coerção sexual	Não confirmada	Confirmada
<b>Predição 3.3:</b> Indivíduos do sexo masculino apresentam mais frequência de prática de coerção sexual do que indivíduos do sexo feminino	Confirmada	Não confirmada
<b>Predição 4.1:</b> Indicadores de maquiavelismo do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento	Não confirmada	Não foi testada nesse estudo
<b>Predição 4.2:</b> Indicadores de narcisismo do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento	Não confirmada	Não foi testada nesse estudo
<b>Predição 4.3:</b> Indicadores de psicopatia subclínica do(a) parceiro(a) estarão associados a menores níveis de satisfação do(a) participante no relacionamento	Não confirmada	Não foi testada nesse estudo
<b>Predição 5.1:</b> Maior frequência de coerção sexual sofrida pela participante do sexo feminino, estarão associados a menores níveis de satisfação dela no relacionamento	Confirmada	Confirmada
<b>Predição 5.2:</b> Maior frequência de coerção sexual sofrida pelo participante do sexo masculino, estarão associados a menores níveis de satisfação dele no relacionamento.	Não confirmada	Confirmada